

EDITORIAL

“Dar voz a quem não tem” há 22 anos



POR:
**JOAQUIM
FERREIRA
LEITE**

Em 2004 surgiu o primeiro número deste vosso jornal. Avintes foi a sua primeira casa e lá encontrou a origem do seu nome. “A Pedra da Audiência” emblemático monumento avintense serviu de inspiração. José Maria Martins apaixonado pela sua terra e pela comunicação social foi quem o sugeriu. Hoje, contra ventos e marés, elevamos, bem alto, os valores do jornalismo pluralista, independente, próximo dos cidadãos e instituições, prestando, sem reservas, um verdadeiro serviço público no combate às falsas notícias, tão em voga, e divulgação de todas as manifestações, individuais ou coletivas, que elevam o nosso bem estar enquanto sociedade consciente.

O caminho não tem sido fácil. A cada imponente rochedo que se nos depara, o carinho e o amor com que os nossos leitores nos abraçam, fazem com que se transforme num extenso areal, onde as águas límpidas e transparentes que o beijam nos carregam de uma energia inquebrável, capaz de nos transportar para um patamar de qualidade e afirmação que uma pequena, mas profissional, equipa coloca em cada linha, com que retrata a maravilhosa realidade que muitos teimam em chamuscar, mas que nos empenhamos em visualizar, sem caprichos, colocando eloquência nos factos e oportunidades que cada amanhecer nos proporciona.

O Troféu AUDIÊNCIA foi criado no mesmo ano e foi a forma encontrada para motivar uma interação maior, entre os vários agentes sociais e a imprensa. Ao longo dos anos, centenas de cidadãos e instituições receberam o belíssimo galardão criado pela insigne escultora, Margarida Santos. Muitos viram, finalmente, reconhecido todo o mérito e devoção colocados no exercício das mais variadas funções. Hoje este galardão extravasou fronteiras e tornou-se um símbolo que todos almejam alcançar. Em qualquer parte do mundo, onde está um português está o AUDIÊNCIA. É fantástico, um orgulho que continuaremos a tudo fazer para honrar e perpetuar e se possível intensificar.

Num jornal regional a importância do apoio do tecido empresarial e autárquico é extremamente relevante. Infelizmente nem todos, ainda, o compreenderam e voltam costas a este projeto e a outros de preponderante relevância. Estamos numa era de tudo exigir e nada contribuir. Alguns acham que o



José Maria Martins

facto de colaborarem lhes dá o direito de mandarem editorialmente, outros, normalmente os apologistas da desinformação, que é uma obrigação. Felizmente o alcance da nossa publicação é de tamanha generosidade que conseguimos ultrapassar com brilho e sucesso todos os obstáculos. Temos uma equipa que não se atemoriza perante as adversidades transformando-as em oportunidades.

Vamos crescer e remarcar a presença acrescentando novas opções para que todos se possam juntar. Aumentamos a tiragem em papel para que possamos estar, cada vez num maior número de lares, em todas as instituições e associações, nos espaços públicos e nos encontrem à mesa em qualquer estabelecimento de cafetaria ou restauração. Queremos estar convosco em todo o lado, uma companhia indispensável. Um novo site, novas páginas nas redes sociais e um canal de Youtube. Tudo pensado para

servir e proporcionar informação credível e uma forte interação social.

Em fevereiro de 2027 teremos mais uma edição da Gala AUDIÊNCIA. Este ano, com impacto diferente, mas com os objetivos de sempre. Juntaremos em Vila Nova de Gaia portugueses oriundos dos quatro cantos do mundo para uma grande noite de portugalidade, afirmação e reconhecimento.

Desde 2014 temos, também, uma edição do nosso jornal nos Açores. Uma aposta que começou em Angra do Heroísmo, Ilha Terceira, e se consolidou na Ribeira Grande, Ilha de São Miguel. Também aqui está em curso uma arrojada modernização em busca da consolidação e relevância junto dos açorianos, estejam eles no arquipélago ou na diáspora.

Contamos com todos para que estes 22 anos sejam apenas o início de uma profícua e longa caminhada.

VEJA POR ONDE ANDA O SEU DINHEIRO

A viagem dos 50 milhões

Luís Filipe Menezes disse basta, não quer mais a caótica UNIR e questiona o preço que Gaia está a pagar à STCP. E, paradoxalmente, ou talvez não, foi o líder da oposição, João Paulo Correia, quando tentou transformar a posição de Menezes num ataque à STCP, que acabou por trazer para o centro da discussão as decisões tomadas durante os anos de governação socialista. O AUDIÊNCIA fez as contas... veja por onde anda o seu dinheiro.

TEXTO POR:
JORGE LEMOS PEIXOTO

Não, não são 5, nem 6, nem seis e meio. É a ‘módica’ quantia de 49,3 milhões de euros prevista para dez anos, para uma empresa controlada maioritariamente pelo Porto, com uma cobertura que chega a menos de metade da população de Gaia, e uma UNIR cujo lote Gaia/Espinho deixou quase 30% das viagens por fazer, ou seja, deixou os passageiros a olhar... para os autocarros... que não chegam. A pergunta impõe-se. O que recebem os gaienses pelo dinheiro que pagam? Há números que dispensam adjetivos. 49,3 milhões de euros é um deles. Esta é a conta que cabe aos gaienses pagar no contrato da STCP para o período de 2025 a 2034. E este valor está sujeito aos mecanismos de atualização e acerto previstos contratualmente. São quase cinquenta milhões retirados, ao longo de uma década, dos recursos públicos de um município. E a contrapartida? É aqui que a questão se torna incómoda para a gestão dos socialistas e para aquilo que Eduardo Vítor Rodrigues deixou para



que outros paguem. Gaia, entre os seis municípios servidos pela STCP, apresenta a mais baixa cobertura populacional da rede.

Quem montou este negócio? É por aqui que deve começar esta história. Não pela troca de acusações entre PS e PSD. A questão que interessa ao munícipe que é “convidado” a pagar a conta é bastante mais concreta. O que compra Gaia com os 49,3 milhões de euros que tem previsto

pagar? A pergunta ganhou atualidade quando Menezes decidiu afrontar o modelo existente. “Nós não estamos aqui a pagar o funcionamento da Câmara do Porto”, afirmou, deixando igualmente claro que não aceita que “os impostos dos gaienses paguem o financiamento da STCP” sem que seja discutido o preço cobrado pelo serviço. E foi a “ingenuidade” de João Paulo Correia que tentou apresentar Menezes como alguém disposto a retirar a STCP de Gaia.

O ataque parecia devastador. Um “papão” para assustar os incautos. Tem, porém, um problema: obrigava a perguntar quem negociou este modelo. E é aqui que o tiro começa a sair pela culatra.

Não pagar nada e pagar demais Para perceber a conta que hoje chega à Câmara é necessário recuar a 28 de agosto de 2019 e ao processo de intermunicipalização da STCP. Eduardo Vítor Rodrigues não

assistiu a esse processo da bancada. Era presidente da Câmara de Gaia e acumulava o cargo com a presidência do Conselho Metropolitano da Área Metropolitana do Porto. Estava, portanto, numa posição privilegiada para defender os interesses do município a que presidia. Até então, a STCP funcionava num quadro em que o Estado assumia responsabilidades que, com a intermunicipalização, passaram para os municípios. Gaia tornou-se acionista da empresa e pas-

sou igualmente a participar nas responsabilidades relativas aos resultados de exploração, às compensações por obrigações de serviço público e ao equilíbrio económico-financeiro da operação.

Quem manda? A mudança teve uma consequência que qualquer gaiense percebe. No primeiro consulado de Menezes (1998/2013), a empresa era estatal e o município não gastava um tostão. Agora tudo mudou e os gaienses têm de pagar... “Habituem-se”, disse uma vez António Costa! Mas quem paga deve saber o que paga e para que paga e, principalmente, se o que paga é justo. Gaia recebeu 12,04% do capital da STCP. O Porto ficou com 53,69%, Matosinhos com 11,98%, Maia com 9,61%, Gondomar com 7,28% e Valongo com 5,40%. Até aqui poder-se-ia admitir que a repartição refletia critérios objetivos relacionados com a operação. O problema começa quando se olha para quem manda. O Porto indica três dos cinco elementos da administração, o presidente do Conselho de Administração, um administrador executivo e um administrador não executivo. Os outros muni-



cípios, entre os quais Gaia, indicam conjuntamente os restantes dois.

Traduzido para linguagem corrente, Gaia ficou com 12,04% da empresa; o Porto ficou com 53,69% e com três dos cinco lugares da administração.

Há uma pergunta política que nunca deveria ter deixado de ser feita. Que vantagem concreta obteve Gaia no negócio?

Custo/benefício

A resposta torna-se particularmente difícil quando se passa da estrutura acionista para o serviço prestado. Segundo os números de 2023 utilizados nesta investigação, a STCP abrangia em Gaia cerca de 129.953 habitantes, correspondentes a 42,77% da população do concelho. É a menor cobertura populacional entre os seis municípios servidos pela empresa. No Porto, a cobertura aproximava-se dos 100%; em Matosinhos ultrapassava 90%; na Maia era superior a 77%; em Valongo rondava 74% e em Gondomar aproximava-se de 55%.

Gaia ficou nos 42,77%!

Fatura milionária

Quando o segundo maior encargo absoluto entre os municípios pertence precisamente ao concelho com a menor cobertura populacional, a relação entre custo e serviço exige uma explicação muito detalhada. É isso que falta conhecer até ao último euro.

A rede da STCP em Gaia está essencialmente concentrada na zona urbana e na faixa mais próxima do Porto, abrangendo áreas de Santa Marinha, São Pedro da Afurada, Mafamude, Vilar do Paraíso, Canidelo, Madalena, Oliveira do Douro, Vilar de Andorinho e, através das ligações para Valadares e do prolongamento recente da linha 900 até Francelos, zonas de Valadares e Gulpilhares. Uma parte muito significativa do território municipal continua, portanto, dependente de outros operadores. Segundo os números oficiais de cobertura, mais de metade da população de Gaia fica fora da área de influência considerada para a rede STCP.

É aqui que os 49,3 milhões deixam de ser uma rubrica de orçamento e passam a



ser uma fatura milionária apresentada aos gaienses. A conta prevista começou nos 3,9 milhões de euros em 2025 e aumenta ao longo do contrato, atingindo cerca de 5,7 milhões no final da década. No total, são 49,3 milhões. Só o Porto, com 180 milhões, paga mais em termos absolutos. Matosinhos surge depois de Gaia, com 44,3 milhões; Gondomar, com 28,5 milhões; Maia, com 26,4 milhões; e Valongo, com 15,1 milhões.

E que tal uma auditoria?

A comparação parece excessiva. Gaia está a pagar demais? Para chegar a essa conclusão seria necessário conhecer uma informação que deveria estar facilmente disponível.

Quanto veículos-quilómetro são efetivamente produzidos em Gaia, quanto custa essa produção, quantos passageiros são transportados, quais as receitas tarifárias imputáveis ao concelho, qual o custo líquido das obrigações de serviço público e como é calculada a compensação suportada pelo município.

É aqui que a investigação chega ao centro do problema. Os veículos-quilómetro tiveram importância na repartição da participação dos municípios na STCP. Um veículo-quilómetro é apenas uma unidade de produção. Um autocarro que percorre um quilómetro produz um veículo-quilómetro. Se cem autocarros percorrerem cem quilómetros, são produzidos dez mil veículos-quilómetro. É uma forma objetiva de medir quanto serviço é efetivamente colocado na estrada.

O mesmo vale para os passageiros. As validações efetuadas em Gaia representavam aproximadamente 13% do total considerado nos dados analisados pelo AUDIÊNCIA. Gaia detém 12,04% do capital e apresenta um peso de validações próximo dessa proporção. Mas permanece a questão fundamental: como se passa destes indicadores para a compensação financeira exigida ao município? O contrato prevê mecanismos de ajustamento. Portanto, os valores inicial-



mente previstos não podem ser tratados como números desligados da execução. Há quilómetros previstos e quilómetros realizados, passageiros estimados e passageiros efetivamente transportados, custos projetados e custos reais, receitas e compensações. No final, tem de existir uma conta que permita perceber por que razão Gaia paga determinada quantia e não outra.

O contrato com a STCP é ilegal?

É neste ponto que ganha interesse um acórdão do Supremo Tribunal Administrativo de 2015, analisado pelo AUDIÊNCIA.

O Supremo questionou as compensações atribuídas à STCP, estando em causa uma verba de 12.376.201 euros.

O acórdão, que está baseado na legislação comunitária, deixa uma questão particularmente relevante para esta investigação: a necessidade de identificar com rigor os custos e receitas associados às atividades abrangidas pelas obrigações de serviço público e de assegurar a necessária separação contabilística.

Aplicado ao caso de Gaia, o princípio conduz a uma pergunta. Dos 49,3 milhões previstos, quanto corresponde exatamente ao custo líquido do serviço público prestado a Gaia?

É por isso que uma auditoria independente à execução do contrato não seria um ato de guerra contra a STCP. Seria um instrumento elementar de transparência. Os números responderiam.

Para que serviram os cargos?

E responderiam também a uma questão. O antigo presidente da Câmara, Eduardo Vítor Rodrigues, acumulou posições de enorme influência no sistema metropolitano. Presidiu a Gaia, presidiu ao Conselho Metropolitano da AMP e esteve no centro político do período em que foi construída a nova arquitetura dos transportes. A quantidade de cargos, porém, não constitui por si só uma vantagem para um município. O resultado é que determina se essa influência foi ou não bem utilizada.

Ao mesmo tempo, a outra grande operação rodoviária que serve o concelho, a UNIR, transformou-se desde o arranque numa sucessão de queixas, incumprimentos, viagens suprimidas, problemas com viaturas, falhas de informação aos passageiros e conflitos laborais.

Neste segundo caso, os números são ainda mais difíceis de disfarçar.

Uma em quatro não é cumprida

Só no lote Gaia/Espinho, o cumprimento das viagens situa-se em 73,10%, enquanto nos restantes lotes ultrapassava 98%.

Ou seja, aproximadamente uma em cada quatro viagens previstas não era cumprida. STCP e UNIR não podem ser confundidas. São operações diferentes, com contratos diferentes, estruturas diferentes e níveis de serviço que também não são comparáveis. Mas é impossível avaliar a política de mobilidade construída em Gaia durante os últimos anos sem olhar para os dois dossiers. E um nome torna-se incontornável: Eduardo Vítor Rodrigues.

Num deles, o município enfrenta uma obrigação financeira de 49,3 milhões de euros perante uma empresa na qual é acionista minoritário e cuja rede apresenta em Gaia a menor cobertura populacional dos seis concelhos. No outro, uma operação contratada para assegurar grande parte da mobilidade rodoviária do concelho acumulou níveis de incumprimento insustentáveis.

Unanimidade e consenso

É esta herança que Menezes decidiu agora confrontar. Sobre a UNIR, o atual pre-

sidente da Câmara já não esconde a avaliação. Classificou o serviço de Gaia como “horrível” e “mal programado”, considerou-o o pior da Área Metropolitana e apontou o final do ano como limite político para encontrar uma solução. A intenção assumida é não continuar a aceitar indefinidamente uma operação marcada por incumprimentos e por um serviço que, desde dezembro de 2023, reúne um consenso inigualável: os protestos dos passageiros.

É neste contexto que a ofensiva política de João Paulo Correia se tornou arriscada para o PS. Ao acusar Menezes de querer dismantelar a presença da STCP em Gaia, o líder socialista tentou colocar o atual presidente perante o receio compreensível de milhares de passageiros: perder um serviço que utilizam diariamente. Mas, ao

fazê-lo, obrigou também a abrir o dossiê que conduziu diretamente aos anos em que o PS governava a Câmara e presidia à estrutura metropolitana que tomou algumas das decisões hoje em discussão.

A herança do PS

O tiro saiu pela culatra porque a pergunta deixou de ser apenas “o que quer Menezes fazer à STCP?” e passou a outra: “como chegou Gaia a esta situação?”

Foi durante a governação socialista que Gaia entrou no novo modelo da STCP e assumiu as correspondentes responsabilidades financeiras. Foi nesse período que se consolidou uma estrutura em que o Porto ficou com 53,69% do capital e três dos cinco administradores. Foi sob a anterior arquitetura política metropolitana que nasceu a UNIRE e foi também durante essa gestão que o lo-



te Gaia/Espinho apresentou os níveis de incumprimento que acabaram por ser reconhecidos publicamente como in comportáveis.

João Paulo Correia tem todo o direito de questionar Meneses sobre aquilo que pretende fazer a seguir. O que já não pode fazer é discutir os transportes de Gaia como se a história tivesse começado depois das últimas eleições.

Receita de 2, custo de 3

Os 49,3 milhões de euros correspondem a muito dinheiro municipal. E porque a relação custo-benefício não se mede apenas pelo número de autocarros que atravessam a Avenida da República ou pela qualidade reconhecida de determinadas carreiras da STCP. Mede-se pelo conjunto do serviço adquirido pelo município, pela população efetivamente abrangida, pelos quilómetros produzidos,

pelas frequências, pelos passageiros transportados, pelas receitas geradas, e os dados da investigação do AUDIÊNCIA revelam que, em Gaia, por uma receita de 2,33 euros, a STCP tem um custo de 3,42 euros, e isso é relevante face ao acórdão do Supremo Tribunal Administrativo de 2015 que questiona a legalidade do acordo com a empresa.

Luís Filipe Menezes resolveu dizer basta!

Porque os 49,3 milhões não pertencem à STCP, ao PS, ao PSD, a Eduardo Vitor Rodrigues, a João Paulo Correia ou a Luís Filipe Menezes. São recursos do orçamento de Gaia. E é precisamente por isso que a pergunta que fica não precisa de propaganda nem de grandes discursos.

Onde foram parar, onde vão parar e o que recebem os gaienses em troca dos 49,3 milhões de euros que lhes apresentam para pagar?

PUR

ciclocoinbrões
armazém de velocípedes, Lda - Joaquim Leite

RAYMON; A NOVA REVOLUÇÃO EM BICICLETAS.

REPRESENTANTE EXCLUSIVO PARA PORTUGAL!

SRAM.

Continental

selle ITALIA

Vision

ZIPP

ZEPAL

RAYMON DHS Unisport Continental SRAM ZIPP TIME ZEPAL
LAPIERRE HTRIBIKE etixx HIGH5 FSA Vision GIPIEMME
IceToolz RESP.YISE SIGMA TOKEN selle ITALIA ROCKSHOX MAVIC

**Ciclo Coimbrões o maior armazém do país.
Grande sortido de bicicletas.
Aproveite as nossas promoções .**

Rua Visconde das Devesas 106/120
4400-336 Vila Nova de Gaia

geral@ciclocoinbrões.com
www.ciclocoinbrões.com
+351 22 370 97 72





FREGUESIA DE CAMPANHÃ

**SÉCULOS
DE HISTÓRIA**

VISITE-NOS

 PARACACRUJE

 225 894 550

 @GENERALCAMPANHÃ

AS CONTAS DE JOÃO PAULO CORREIA

Um ábaco para o PS

O PS quis dar uma lição de aritmética a Menezes. O problema é que dividiu dois números e julgou ter descoberto a verdade...

ENTREVISTA POR:
JORGE LEMOS PEIXOTO

Quando estão em causa 49,3 milhões de euros dos gaienses, talvez seja prudente oferecer um ábaco aos socialistas. Não para aprenderem a dividir. Para aprenderem a contar tudo.

O PS de Gaia, pela voz de João Paulo Correia, quis abrir a “guerra da STCP” contra Menezes. O líder do PS fez-nos lembrar o rei emérito de Espanha, Juan Carlos, com a sua célebre sentença: ¿Por qué no te callas?

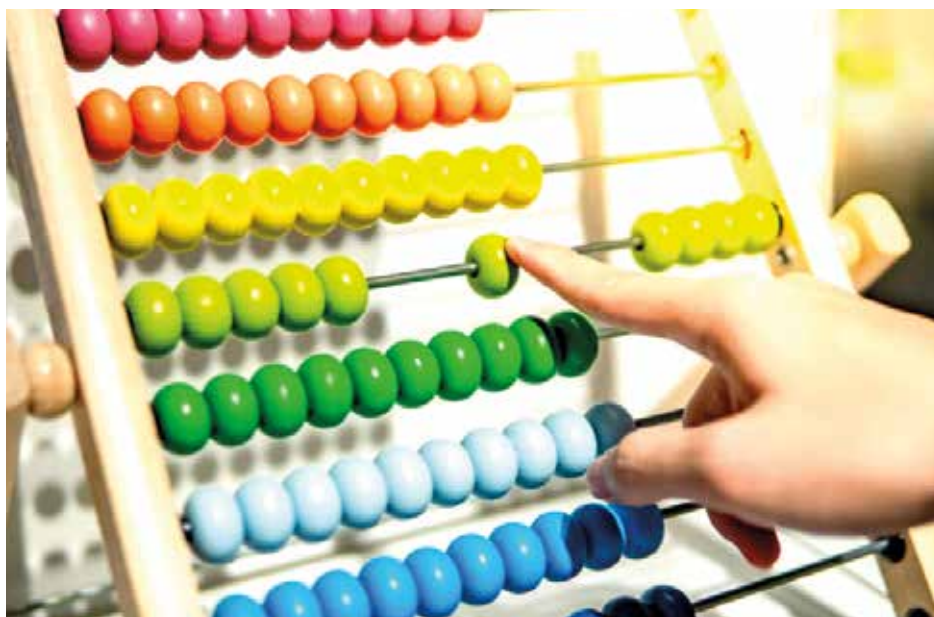
A mercearia do PS é gourmet?

Luís Filipe Menezes, garante João Paulo Correia, “engana-se redondamente nas contas” e quer fazer por 20 cêntimos aquilo que custa 1,17 euros na STCP e 1,22 euros na UNIR. E, para que não restassem dúvidas sobre a superioridade científica da demonstração, os socialistas acrescentaram que “a terceira maior Câmara do país não pode ser gerida com contas de mercearia”.

É uma frase que convida imediatamente a verificar as contas de quem a pronunciou. Vamos, então, à mercearia. O PS peganum “encargomáximo” de 4,07 milhões de euros, divide-o por 3,48 milhões de quilómetros “programados” e chega a 1,17 euros por veículo-quilómetro. A divisão está certa. Qualquer calculadora chega lá. O problema começa depois.

A chatice do contrato

Um encargo máximo não é necessariamente um encargo efetivamente pago. Um quilómetro programado não é necessariamente um quilómetro realizado. E dividir uma coisa pela outra não transforma o resultado, por milagre aritmético, no custo real e definitivo do serviço. Há uma pequena chatice chamada contrato. E o contrato, que vem do tempo dos parceiros de partido de João Paulo Correia, prevê acertos em função dos valores reais de atividade e desempenho. Portanto, para proclamar



que a STCP custa efetivamente a Gaia 1,17 euros por veículo-quilómetro seria necessário mostrar quanto Gaia pagou no final, quantos quilómetros foram realmente realizados, quais foram os acertos, quais as receitas consideradas e qual a compensação efetivamente imputável ao município.

O PS só mostrou uma divisão. Talvez seja aqui que o ábaco comece a revelar utilidade. Gaia registou 3,903 milhões de euros de despesa associada à municipalização da STCP em 2022 e 3,312 milhões

em 2023. E, para 2025-2034, o compromisso financeiro previsto no contrato ronda 49,3 milhões de euros. Uma média próxima dos 4,93 milhões por ano.

Em contas de mercearia é muita coisa... é uma obrigação financeira de uma década.

Números desagradáveis

Gaia ficou com 12,04% da STCP. Em 2023 representava cerca de 13% das validações, mas a população abrangida pela rede era apenas 42,77%, a menor cobertura entre os seis municípios analisados.

No Porto, a cobertura chegava a 99,98%.

Portanto, antes de João Paulo Correia explicar a Menezes como se faz uma divisão, talvez pudesse explicar aos gaienses uma multiplicação. Como se transforma uma participação de 12,04%, uma cobertura de apenas 42,77% e uma obrigação contratual de 49,3 milhões de euros num negócio indiscutivelmente vantajoso para Gaia?

O Porto é que ganha

O Porto detém 53,69% do capital da STCP e indica três

dos cinco membros da administração. Gaia tem 12,04%. Ou seja, simplificando a fotografia política sem falsificar a aritmética: o Porto manda muito mais, Gaia manda muito menos e os gaienses têm diante deles uma previsão de 49,3 milhões de euros para dez anos. O Porto é que ganha e não é no futebol... é nas contas.

É justamente isso que o PS de Gaia parece não perceber. A questão não é saber se Menezes acertou em todos os números que lançou para o debate público. Alguns precisam igualmente de ser demonstrados. A questão é saber se os socialistas conseguem provar que os números que apresentam significam aquilo que dizem que significam. A comparação com a UNIR torna o exercício ainda mais delicado. Os próprios elementos reunidos pelo AUDIÊNCIA mostram que não se podem comparar mecanicamente os dois modelos. São contratos diferentes e o lote 4 da UNIR abrange Gaia e Espinho. Mas isso recomenda prudência, não absolvição.

Em 2025, o lote 4 Gaia/Espinho da UNIR realizou cerca de 6,8 milhões de veículos-quilómetro. A informação municipal aponta para um encargo de Gaia inferior a um milhão de euros. Nas oito linhas diurnas da STCP analisadas pelo AUDIÊNCIA, a produção anual foi estimada em cerca de 3,54 milhões de veículos-quilómetro.

O PS prefere outra coisa. Pega em 4,07 milhões, divide por 3,48 milhões e apresenta 1,17 euros com a solenidade de Arquimedes a sair da banheira. Falta apenas provar que está a dividir as grandezas certas. O problema não começou ontem. A municipalização alterou profundamente o modelo. Durante os mandatos anteriores de Menezes, a STCP permanecia num quadro em que esta obrigação financeira não recaía diretamente sobre Gaia nos termos atuais. A partir da descentralização iniciada em 2017 e da intermunicipalização concretizada posteriormente, os municípios passaram a assumir responsabilidades

financeiras pela operação. Gaia tornou-se acionista, autoridade de transportes e pagadora de compensações. Foi uma decisão política legítima, mas também um péssimo negócio para Gaia.

O fecho da caixa

O AUDIÊNCIA não precisa de afirmar que os 49,3 milhões são ilegais, nem sequer que Gaia está comprovadamente a pagar demais. Os documentos disponíveis não permitem ainda essa conclusão. Permite uma pergunta bastante mais simples, mas com respostas perigosas para quem concebeu este modelo de negócio e para quem governou. Onde está a demonstração de que Gaia está a pagar o preço justo pelo serviço que recebe?

Quanto custou realmente cada ano? Quantos veículos-quilómetro foram efetivamente realizados? Quantas viagens foram cumpridas? Que receitas foram geradas? Quais foram os acertos? Quanto corresponde rigorosamente às obrigações de serviço público de Gaia? Quanto custa cada passageiro transportado? Quanto custa cada linha? E como se compara tudo isto com os restantes municípios? É esta conta que falta. Não a continha de mercearia.

Ábaco para o PS

O PS não se conforma com a gestão de Menezes e quis ridicularizar o atual presidente com “contas de mercearia”. Talvez tenha escolhido mal a metáfora. Numa mercearia séria, no fim do dia, a caixa tem de bater certo. Não chega dizer que quatro milhões divididos por três milhões dão 1,17 e fechar a gaveta. É preciso contar o que entrou, o que saiu, o que foi entregue e aquilo que o cliente levou para casa. Por isso, o AUDIÊNCIA deixa uma sugestão aos seus leitores: ofereça-se um ábaco à concelhia socialista. Porque os socialistas podem continuar a discutir se Menezes conhece ou não conhece os números. Há uma pergunta bastante mais objetiva. Quando o PS governou Gaia, conhecia mesmo as contas que estava a deixar aos gaienses?

GAIA E PORTO ACERTAM POSIÇÕES NOS TRANSPORTES

Presidentes em sintonia

Menezes e Pedro Duarte voltaram a reunir-se no Porto. Em cima da mesa, o acerto de posições, desde os transportes públicos às pontes sobre o Douro, passando pela mobilidade e pelos Jogos Mundiais do Desporto de 2028. Houve entendimento também sobre os polémicos dossiês da UNIR e da STCP.

ENTREVISTA POR:
JORGE LEMOS PEIXOTO

“Acabámos de ter uma das reuniões periódicas que temos no Porto e em Gaia. Aproximámos posições com Pedro Duarte, presidente da Câmara do Porto, como temos feito ao longo destes dez meses”, afirmou Luís Filipe Menezes à saída dos Paços do Concelho do Porto.

A reunião insere-se na estratégia de concertação que os dois autarcas têm vindo a desenvolver desde o início dos atuais mandatos, procurando tratar Porto e Gaia como duas cidades autónomas, mas complementares, sobretudo nas áreas em que o Douro deixou de ser fronteira para ser uma “ponte” que une as duas cidades.

Situação da STCP

Segundo Menezes, estiveram em cima da mesa “as alterações ao trânsito no tabuleiro inferior da Ponte D. Luís I” e “o aproveitamento funcional e turístico da Ponte D. Maria e dos seus acessos”, mas também a preparação dos Jogos Mundiais do Desporto de 2028, iniciativa que os dois municípios querem transformar numa acontecimento com projeção regional e nacional. “Queremos que venha a ser um sucesso para a região e para o país”, afirmou o presidente da Câmara de Gaia.

Os transportes públicos constituíram outro dos pontos



centrais da reunião. Menezes confirmou ter discutido com Pedro Duarte a intenção de Gaia de terminar o atual contrato com a empresa que assegura a operação da UNIR no concelho e, simultaneamente, de rever as condições financeiras da participação gaiense no serviço da STCP. “Abordámos outros temas como os transportes públi-

cos, o metro, a nossa posição sobre a vontade de terminar o contrato com a empresa que gere a UNIR em Gaia e sobre uma forma correta de reequacionarmos o acordo que temos com a STCP, de forma a favorecer Gaia e também não prejudicar os transportes coletivos do Porto. Acertámos posições”, declarou Menezes. A afirmação ganha particular

significado depois da polémica dos últimos dias em torno dos encargos de Gaia com a STCP. Atualmente, oito linhas da empresa servem o concelho, as carreiras 900 a 907. Pedro Duarte já tinha afirmado respeitar uma eventual decisão de Gaia relativamente à STCP. As declarações dos dois presidentes apontam para a procura de uma solução ne-



gociada que permita rever o equilíbrio financeiro sem colocar em causa a articulação dos transportes públicos entre as duas margens.

Travessia fluvial

A concertação entre Porto e Gaia não começou neste encontro. Os dois municípios avançaram já conjuntamente com o projeto de uma nova ponte pedonal e ciclável sobre o Douro, com conclusão prevista para 2029 e um investimento estimado em 25 milhões de euros.

Também em julho foram retomadas duas travessias fluviais, entre a Afurada e o Cais do Ouro e entre o Cais de Gaia e a Ribeira do Porto, integradas no sistema Andante e com partidas de meia em meia hora. Na primeira semana de fun-

cionamento, as duas ligações transportaram mais de 4.400 passageiros. Menezes e Pedro Duarte admitiram então que a utilização do Douro como eixo de transporte público poderá ser alargada a outros pontos das duas margens.

É esta lógica de complementaridade que os dois presidentes pretendem agora estender aos restantes grandes dossiês metropolitanos. Porto e Gaia mantêm administrações e interesses próprios, mas procuram concertar decisões sempre que mobilidade, transportes, turismo ou grandes equipamentos ultrapassam as fronteiras municipais.

No final da reunião, Menezes resumiu em duas palavras o resultado do encontro com Pedro Duarte, “acertámos posições.”

A seu lado para sua tranquilidade!

227 133 162 | 917 729 456 | 965 880 170

Sede: Avenida Gomes Júnior, 74 Madalena 4405-750 V. N. Gaia	Loja 1: Rua do Espinheiro, 1020 Canidelo 4400-450 V. N. Gaia	Loja 2: Largo do Jardim, 60 Vilar do Paraíso 4405-866 V. N. Gaia
---	--	--

geral@novafuneraria.pt | www.novafuneraria.pt

ENTRE REPARAR E DEITAR FORA, O CREW ESCOLHE A PRIMEIRA OPÇÃO

Mais de 660 quilos de resíduos evitados com a reparação de equipamentos

O CREW, projeto desenvolvido pela LIPOR em parceria com a ERP Portugal (European Recycling Platform), está a reforçar a cultura da reparação de aparelhos elétricos e eletrónicos, prolongando a sua vida útil e evitando que sejam transformados em lixo. Só nos primeiros seis meses do ano, foram registados 258 equipamentos para avaliação, num peso total superior a 1,2 toneladas. Destes, 76 foram recuperados, evitando a produção de 353,628 quilos de desperdício de equipamentos.

A aposta no acondicionamento chegou também à comunidade através de 12 sessões Repair Café, realizadas em diferentes locais e com vários parceiros. As iniciativas reuniram 124 participantes, que dedicaram, no total, 36 horas à reparação colaborativa. Dos 124 equipamentos registados, 66 foram consertados com sucesso, evitando que 307,098 quilos de materiais fossem descartados. No conjunto das duas vertentes, foram assim poupados 660,726 quilos de resíduos. A iniciativa tem também uma dimensão social,

aproximando a comunidade das práticas de restauro através da partilha de conhecimentos e competências entre técnicos, voluntários e cidadãos, numa rede de centros que envolve a LIPOR, a UFGVJ, o EcoPorto e a E2OV. Os resultados reforçam o papel da reparação como resposta aos desafios ambientais associados aos Resíduos de Equipamentos Elétricos e Eletrónicos (REEE), promovendo hábitos mais sustentáveis, prolongando o tempo de utilização dos objetos e contribuindo para uma economia mais circular. **LF**



PUB



FREGUESIA DE OLIVEIRA DO DOURO

A Junta de Freguesia saúda o Jornal AUDIÊNCIA pelo seu 22º aniversário e incentiva a que continue a trilhar os caminhos do jornalismo livre, pluralista e independente

Fábio Pinto
Presidente



Santa Casa da Misericórdia de Vila Nova de Gaia
Ao seu serviço



Ação Social
Lares e Centros de Dia
António Almeida Costa | José Tavares Bastos | Salvador Brandão
Serviço de Apoio Domiciliário

Infância
Creche e Jardim de Infância D. Emília de Jesus Costa
Creche Infância Feliz

Primeiros Passos
Banco de Ajudas Técnicas
Plano de Emergência Alimentar
Serviço de Voluntariado

Residências Seniores Conde das Devesas

Saúde
Farmácia da Misericórdia de Gaia
Centro de Medicina Física e Reabilitação

Cultura
Espaço Museológico
Arquivo e Centro de Documentação

A Misericórdia de Gaia, somos todos nós.

SEMINÁRIO “A MINHA HORTA NO CLIMA DE AMANHÃ” REALIZA-SE A 25 DE SETEMBRO NA CASA DO CORIM

LIPOR promove reflexão sobre o futuro das hortas urbanas

As alterações climáticas estão a transformar as condições de cultivo e a colocar novos desafios às hortas urbanas. É com o intuito de discutir formas de adaptação, desde a escolha de culturas mais resistentes à gestão da água e à proteção dos solos, que a LIPOR vai promover, a 25 de setembro, o seminário “A Minha Horta no Clima de Amanhã”, na Casa do Corim, reunindo hortelãos e técnicos municipais para partilhar conhecimentos, experiências e soluções para uma agricultura urbana mais resiliente.

TEXTO POR:
TÂNIA DURÃES

Como preparar uma horta para um clima cada vez mais quente e seco? Que culturas estarão mais bem adaptadas às novas condições? E de que forma podem as hortas urbanas contribuir para comunidades e territórios mais resilientes? Estas são algumas das questões que estarão em debate no seminário “A Minha Horta no Clima de Amanhã”, promovido pela LIPOR, a 25 de setembro, na Casa do Corim – O Lugar da Sustentabilidade, entre as 8h45 e as 13h00. A iniciativa pretende promover a reflexão e a partilha de conhecimento sobre os desafios que as alterações climáticas colocam à agricultura urbana, nomeadamente ao nível das práticas de cultivo, da

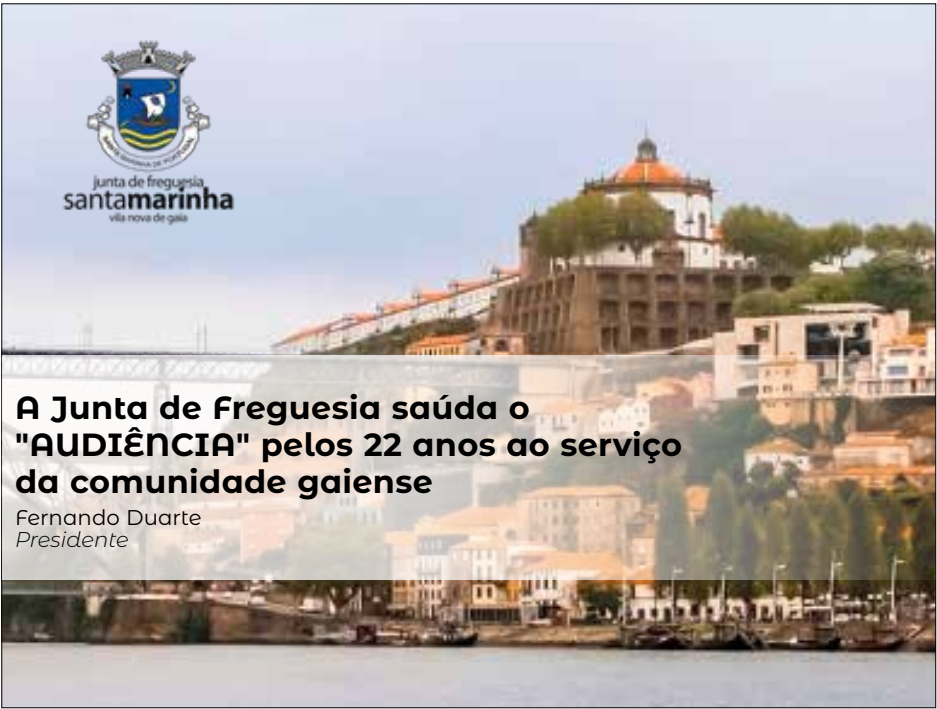
escolha das espécies e da gestão dos recursos naturais. O encontro é dirigido a hortelãos, participantes ou não no projeto Horta à Porta, e técnicos municipais. O programa do seminário desenvolve-se ao longo da manhã e aborda diferentes dimensões da adaptação das hortas urbanas às alterações climáticas. A sessão de abertura temática será dedicada ao “Solo Saudável, Horta Feliz”, com Pedro Nogueira, do CIBIO, seguindo-se uma reflexão sobre as variedades e hortícolas mais resistentes à seca e ao calor, conduzida por Rosa Moreira, cientista agrícola. A partilha de experiências terá igualmente um papel central no encontro. A sessão “Vizinhos que inspiram – O exemplo das Hortas de Famalicão” contará com a participação de

Verónica Sousa, da Câmara Municipal de Famalicão, e de um hortelão convidado da Horta do Município de Famalicão, permitindo conhecer práticas e soluções desenvolvidas no terreno. O programa termina com a mesa-redonda “Raízes em Conversa”, que reunirá os vários intervenientes para uma reflexão conjunta sobre os desafios e oportunidades que se colocam às hortas urbanas num contexto de mudança climática. A conversa será moderada por Cristina Ferreira, da LIPOR. Com a realização deste seminário, a LIPOR pretende aproximar o conhecimento técnico da experiência de quem cultiva diariamente, criando um espaço de diálogo sobre soluções concretas e promovendo a construção coletiva de respostas aos efeitos das alterações climáticas. A iniciativa reforça, assim,



a importância das hortas urbanas enquanto espaços de produção, aprendizagem e participação comunitária, mas também como instrumentos capazes de contribuir para a adaptação dos territórios a um clima em transformação.

PUB



MENEZES RECORDA NUNO CARDOSO

Um adeus sentido

Dois meses e quatro dias depois de ter recebido das mãos de Luís Filipe Menezes a Medalha de Serviço Público Grau Ouro da Câmara de Gaia, morreu Nuno Cardoso. Menezes recordou o presidente e principalmente o amigo: um homem bom!

TEXTO POR:
JORGE LEMOS PEIXOTO

Engenheiro, antigo presidente da Câmara do Porto e homem ligado a alguns dos projetos que mudaram a região, deixa sobretudo a memória de uma personalidade invulgar. Menezes despediu-se do “amigo certo, amigo leal, companheiro de muitas batalhas” e prometeu dar o seu nome a um dos sonhos que ambos começaram a desenhar há 28 anos.

Dois meses e quatro dias antes da sua morte, o antigo presidente da Câmara do Porto recebeu das mãos de Luís Filipe Menezes a Medalha de Serviço Público Grau Ouro do Município de Gaia. Era o reconhecimento de uma vida dedicada à causa pública e de um homem que deixou a sua marca no Porto e em toda a região. Nuno Cardoso esteve na primeira linha de projetos estruturantes, entre os quais o desenvolvimento inicial da rede do Metro do Porto e o planeamento da Porto 2001 – Capital Europeia da Cultura. Engenheiro de formação, conhecia o valor do trabalho e tinha



uma característica que Menezes agora recorda, “uma quase inesgotável capacidade de acreditar, mobilizar e fazer acontecer”.

Despedida emotiva

“Dois meses e quatro dias após ter sido justamente condecorado na Câmara de Gaia desapareceu o meu amigo Nuno Cardoso”, escreveu Luís Filipe Menezes na hora da despedida. E definiu-o em poucas palavras: “Amigo certo, amigo leal, companheiro de muitas batalhas.”

Batalhas muitas vezes lançadas pelo próprio Nuno Cardoso, “sempre no interesse geral, na defesa da região que idolatrava e da cidade por que tanto labutou”.

Mas é quando abandona a evocação do político e do autarca e fala simplesmente do homem que as palavras de Menezes ganham outra dimensão. “Sempre criativo, sempre desprendido, sempre com aquela ingenuidade típica de quem pensa sempre no bem alheio sem se preocu-

par com a sua imagem, sem qualquer tipo de vaidade ou qualquer ânsia de protagonismo tonto.”

Humanidade única

Era esse Nuno Cardoso que os amigos conheciam. Um homem de ideias e convicções, por vezes irrequieto, permanentemente disponível para imaginar o que ainda não existia. “Homem de humanidade única, técnico preparado e conhecedor da importância do trabalho para se ter sucesso, dinamizador único de espe-

ranças e vontades”, recorda Menezes.

Os dois partilharam um período particularmente intenso das suas vidas políticas. Nuno Cardoso presidia ao Porto e Luís Filipe Menezes liderava Gaia.

“Tive o privilégio de coexistir na liderança de Gaia com o seu período de Presidência do Porto. Foram tempos de entusiasmo ombro a ombro.”

E não ficaram pelas palavras. Criaram uma empresa intermunicipal para desenvolver projetos comuns às duas margens do Douro. Poucas semanas depois, apresentavam o pré-projeto de uma ponte pedonal entre as ribeiras do Porto e de Gaia e o de uma travessia destinada ao metro de superfície, no corredor onde hoje avança a Linha Rubi. Era 1998. Ao projeto estavam associados dois nomes maiores da engenharia e da arquitetura portuguesas, Adão da Fonseca e Siza Vieira.

“É incrível que já tenham passado 28 anos!”, escreve Menezes. E a recordação transforma-se em revolta: “28 anos perdidos pela inveja, ciúme e cegueira de um país que teima em obs-

taculizar o sonho, a coragem e o otimismo de quem lidera.”

Talvez por isso a homenagem prestada por Gaia adquira agora um significado ainda maior. Nuno Cardoso pôde recebê-la. Pôde ouvir em vida o reconhecimento por aquilo que fez. Dois meses e quatro dias depois, aquela medalha passou também a ser uma despedida que ninguém sabia que estava a fazer.

Fica o engenheiro. Fica o presidente da Câmara do Porto. Fica o homem ligado ao nascimento do Metro, à Porto 2001 e a uma visão metropolitana que recusava olhar para o Douro como uma fronteira.

Mas, nas palavras de Menezes, fica sobretudo o amigo. “Nuno, já não estás ao nosso lado fisicamente, mas o teu indomável espírito de realizador inspirar-nos-á no resto das nossas vidas.” E fica uma promessa que talvez seja a homenagem mais bonita que se pode prestar a quem passou a vida a imaginar obras para os outros:

“Espero em breve dar o teu nome a um dos teus sonhos.”

Até sempre, Amigo.

VALONGO

Alfena recebe mais uma edição da Festa do Brinquedo

Entre 25 e 27 de setembro, o Parque Vale do Leça, em Alfena, volta a ser a capital do Brinquedo, celebrando uma das logomarcas do Município de Valongo. Ao longo de três dias, não fal-

tará espaços de diversão para crianças e jovens, animação itinerante, artesãos em trabalho ao vivo, workshops, restauração diversa e muita e boa música com as atuações de Nena, Bárbara Ti-

noco e Banda Musical São Vicente de Alfena com FF. Esta é uma festa onde o brinquedo é o mote para que diferentes gerações vivam ou revivam brincadeiras de agora e de outros tempos. **JV**



MEGASTOCK ASSINALA TRÊS DÉCADAS DE INOVAÇÃO E CRESCIMENTO

“Os 30 anos não são um ponto de chegada, mas sim um impulso para continuar a inovar”

Três décadas depois de fundar a Megastock, Olga Cruz continua a olhar para o futuro com a mesma ambição que marcou o início do projeto. A empresa tecnológica portuguesa, que assinala 30 anos de atividade a 11 de setembro, consolidou a sua presença nas áreas empresarial e educativa, desenvolveu soluções próprias e reforçou a aposta no digital. Em entrevista exclusiva ao AUDIÊNCIA, a CEO e fundadora recordou um percurso construído com inovação, proximidade e capacidade de adaptação e revelou que a próxima etapa passa por democratizar a Inteligência Artificial junto das PME e das instituições de ensino portuguesas.

TEXTO POR:
TÂNIA DURÃES

Como se define enquanto mulher, empresária e líder?

Sou uma pessoa focada, lutadora e visionária. Tento estar sempre um passo à frente, mesmo sabendo que nem sempre é fácil, sobretudo numa área historicamente mais masculina. Ao longo destes anos, conseguimos concretizar os objetivos a que nos propusemos e hoje somos reconhecidos como parceiros Gold da Cegid, antiga Primavera Software. Temos uma equipa de cerca de 20 colaboradores, todos especialistas em várias áreas, e isso é um motivo de grande orgulho.

Como surgiu a sua ligação a esta área?

A minha ligação a esta área começou muito cedo, por volta dos 20 anos, quando trabalhei noutra empresa também ligada às tecnologias. Mais tarde, começámos a desenvolver atividade nos Carvalhos, onde estivemos cerca de 15 anos. Depois, surgiu a oportunidade de adquirir este espaço, em Canelas, e mudámo-nos para aqui, onde conseguimos criar melhores condições para trabalhar e crescer.

No próximo dia 11 de setembro, a Megastock assinalará 30 anos de existência. Como descreve o percurso percorrido até aqui?

No dia 11 de setembro celebramos 30 anos de história – três décadas de trabalho focado no rigor, na inovação e na confiança contínua do mercado. Chegar a este marco com uma posição consolidada nos setores de informática, tecnologia e sistemas de segurança é um motivo de

enorme orgulho para toda a nossa equipa. Fomos sempre ajustando a nossa atividade à evolução do mercado, que mudou muito ao longo destes anos. Começámos pela venda de hardware, mas rapidamente percebemos que as empresas estavam a passar do papel para a informatização, sobretudo ao nível do software de gestão e faturação. Foi nessa altura que nos aliámos à Primavera Software e começámos a crescer nesse segmento.

Para assinalar a efeméride, decidiram dar um passo firme no digital. O que traz de novo este projeto?

A melhor forma de celebrar 30 anos é investir no futuro. Lançámos recentemente a nossa plataforma de e-commerce, acessível em store.megastock.pt. Com esta loja online, queremos encurtar distâncias e permitir que clientes e empresas de todo o país acessem rapidamente ao nosso portefólio, beneficiando do conhecimento técnico e da experiência que acumulámos ao longo destas décadas.

O que podem os clientes encontrar atualmente na loja online e quais são os planos de crescimento?

Já temos disponíveis centenas de produtos em catálogo, abrangendo áreas como informática, hardware, redes, CCTV e soluções de segurança. No entanto, o objetivo para este ano comemorativo é ambicioso: pretendemos fechar o ano com um catálogo superior a 5.000 produtos, oferecendo uma gama cada vez mais vasta e diversificada, e chegar a novos mercados, primeiro numa lógica ibérica e, depois, mais além.

Vender online é muito diferente de vender no canal



tradicional. Como garantir a mesma qualidade de apoio ao cliente?

A plataforma digital é apenas uma extensão do nosso atendimento de excelência. Por trás do site store.megastock.pt continua a estar

uma equipa técnica especializada, pronta para prestar aconselhamento, esclarecer dúvidas e garantir suporte no pós-venda. O canal muda, mas o compromisso com a satisfação do cliente permanece intacto.

Quais são as vantagens imediatas para quem compra através da store.megastock.pt?

Destacamos a rapidez de expedição, a transparência na disponibilidade de stock e a facilidade de navegação.

Além disso, criámos um processo de compra simples e seguro, com condições competitivas tanto para o cliente particular como para o cliente empresarial.

Trinta anos no setor tecnológico é uma vida. Olhando para trás, qual tem sido o grande segredo para manter a Megastock relevante ao longo de três décadas?

O segredo esteve sempre na capacidade de escutar o mercado e não ter medo da mudança. Há 30 anos, quando começámos, o desafio era ensinar as empresas a usar um software de gestão básico. Hoje, apoiamos ecossistemas em nuvem, cibersegurança e inteligência artificial. Mas, a tecnologia, por si só, não resolve nada se não houver empatia. O nosso lema sempre foi: “a tecnologia não precisa de ser uma língua diferente”. Mantivemo-nos relevantes porque nunca perdemos a proximidade com o cliente, nem o pragmatismo nas soluções que entregamos.

Na sua perspetiva, qual foi o grande ponto de viragem da empresa?

O grande ponto de viragem foi a decisão de nos aliarmos a uma software house, neste caso a Primavera, e de passarmos a trabalhar de forma mais focada com o mercado empresarial. Até então, trabalhávamos muito no mercado doméstico, na venda e assistência de computadores. Percebemos que o nosso caminho passaria pela área empresarial e, quase em paralelo, também pela área das escolas. Começámos a prestar assistência às secretarias escolares e a implementar e customizar software de gestão à medida de cada cliente.

A sua liderança com mulher à frente de uma tecnológica há 30 anos foi um ato pioneiro. Como recorda esses primeiros tempos?

Na altura entrar numa reunião de direção ou num evento setor e ver quase exclusivamente homens era o habitual. Ser a única mulher CEO na rede de parceiros da Primavera Software trazia uma responsabilidade acrescida, mas nunca deixei que isso definisse o meu limite. Sempre acreditei no rigor, no trabalho e na capacidade de construir pontes. Hoje orgulha-me muito. E acredito que a liderança no feminino traz uma sensibilidade ímpar para a gestão de equipas e para a relação com os clientes.

Ao longo de 30 anos, a empresa tornou-se cada vez mais abrangente. Como identificam as necessidades de cada setor e as transformam em soluções concretas?

Na área empresarial, trabalhamos com setores muito diferentes, incluindo a indústria e o chão de fábrica. Fomos percebendo que muitos processos continuavam a ser feitos em folhas de Excel e que havia espaço para criar soluções que permitissem às empresas ganhar rentabilidade, rapidez e rigor na análise de dados. Foi assim que começámos a desenvolver software, customizado e integrado com as soluções de gestão da Primavera, apostando sempre em soluções à medida.

A Megastock tem também uma presença de destaque na área do ensino. Como funciona esta relação com as escolas e autarquias de norte a sul do país?

O ensino é uma área que nos está no coração desde 1999. Hoje, acompanhamos agrupamentos de escolas, escolas secundárias e municípios em todo o país. Não fornecemos apenas equipamentos ou os Kits Digitais: asseguramos a assistência técnica contínua, a gestão de redes, a manutenção dos parques informáticos e a instalação de tecnologia interativa. Sermos o parceiro de confiança de quem educa em Portugal exige uma enorme responsabilidade e prontidão.

Com uma equipa de cerca de 20 pessoas, a Megastock



megastock
Business Solutions



ck consegue apoiar desde a Administração Pública a grandes indústrias. Qual é o papel da equipa nesta dinâmica?

A Megastock não é feita de paredes, nem de servidores. É feita de pessoas. Ter

uma equipa de cerca de 20 profissionais altamente capacitados e certificados é o nosso maior ativo. É essa dimensão humana que nos permite ter a agilidade que as grandes estruturas não têm: conhecemos os nossos



clientes pelo nome respondemos com prontidão e desenhamos a solução certa no tempo certo.

A longevidade da Megastock reflete-se também na capacidade de criar

produtos próprios para dar resposta às necessidades reais do mercado?

Criámos o Megatouch, solução desenvolvida para o setor industrial, que digitalizou o chão de fábrica, ao permitir o registo tátil, em tempo real

e sem papel, de ordens de fabrico e tempos de produção, totalmente integrado com o ERPCegid. Também criámos o Meg-CRM, plataforma global que integra módulos especializados para vendas (MegSales), Gestão de Colaboradores e RH (MegEmployee), Tarefas (MegDesk), Obras (MegBuild) e Suporte Técnico (MegTech), porque percebemos que os nossos clientes precisavam de ferramentas simples para problemas complexos do dia a dia. Quando um operador no chão de fábrica ou um comercial no terreno conseguem registar informação em segundos sem burocracia, a produtividade da empresa dispara.

Para os próximos anos, o foco da Megastock está direcionado para a integração de Inteligência Artificial (IA) no seu ecossistema de software e nos serviços prestados às empresas e instituições de ensino?

Celebraremos os 30 anos a 11 de setembro não como um ponto de chegada, mas como uma rampa de lançamento. A Inteligência Artificial não vai



substituir as pessoas, mas as organizações que usam a IA vão liderar o futuro. O nosso compromisso para os próximos anos é democratizar a IA para as PMEs, seja na previsão de vendas no Meg-CRM, na otimização preditiva da produção no Megatouch ou no apoio à automação administrativa no ERP Cegid. Continuaremos a fazer o que fizemos nos últimos 30 anos: tornar o futuro tecnológico simples e acessível para quem produz e cria valor em Portugal. Outro objetivo é continuar a desenvolver soluções à medida, identificando lacunas em diferentes setores. Recentemente lançámos uma solução de CRM para a área da advocacia, em articulação com a Ordem dos Advogados, e estamos também a trabalhar em respostas para necessidades específicas da indústria dos plásticos. O caminho será esse: passo a passo, encontrar lacunas e transformá-las em soluções úteis para os clientes.

O que distingue, na sua opinião, a Megastock de outras empresas desta área?
Um dos grandes lemas da



Megastock é a proximidade com o cliente. Ouvimos o cliente, conhecemo-lo pelo nome e acompanhamos de perto as suas necessidades. Ao contrário de estruturas muito grandes, onde o apoio é muitas vezes feito apenas através de tickets, os nossos

consultores trabalham diretamente com as empresas, visitam-nas, analisam os processos e procuram encontrar a melhor solução. Essa proximidade acompanha-nos desde o início e continua a ser uma das nossas maiores diferenças.



Enquanto empresária no setor tecnológico, acredita que as empresas portuguesas estão preparadas para a transformação digital?
Acredito que sim, mas também acredito que a Inteligência Artificial vai acelerar muito essa transformação. A

IA não vai retirar tantos postos de trabalho como muitas pessoas imaginam, mas vai colocar algumas empresas à frente de outras. Quem não acompanhar este caminho ficará para trás, com processos menos eficientes e menor produtividade. O futuro

passa por automatizar o máximo de processos possível, para que as empresas consigam chegar mais longe. Já trabalhamos com empresas que avançaram com projetos ligados à IA, incluindo candidaturas no âmbito do Portugal 2030. Muitas procuram-nos antes ou depois da aprovação dos projetos para perceber que processos podem ser automatizados. Temos uma equipa de consultoria que faz o levantamento de necessidades, ajudando a identificar oportunidades de melhoria e a preparar soluções com impacto real.

A Megastock tem sido distinguida no mercado. O que significam para si estes prémios e reconhecimentos?

São o reconhecimento do nosso trabalho, do investimento em formação e da qualidade dos nossos técnicos e consultores. Para continuarmos a ser parceiros Gold, temos de manter consultores certificados todos os anos, o que exige compromisso e atualização permanente. Estes prémios refletem esse esforço, mas também a nossa preocupação constante em garantir a satisfação dos clientes, consolidar relações e continuar a crescer.

Que mensagem gostaria de deixar aos vossos clientes, parceiros e colaboradores neste 30º aniversário?

Queremos agradecer profundamente a todos os que fizeram e fazem parte do nosso percurso. Os 30 anos não são um ponto de chegada, mas sim um impulso para continuar a inovar. Convidamos todos a visitarem a nossa loja em store.megastock.pt e a celebrarem connosco este novo capítulo. A Megastock sempre se pautou pela transparência. Os clientes que nos conhecem sabem que essa é uma das nossas principais marcas. Mesmo quando isso pode significar perder um negócio no imediato, acreditamos que a transparência constrói relações duradouras. Tem sido um percurso longo, mas não vejo este aniversário como uma meta. Vejo-o como o início de uma nova era: a era da Inteligência Artificial, da inovação e de um futuro em que queremos continuar a trabalhar, para garantir a total satisfação dos nossos clientes. É esse o compromisso que mantemos na Megastock.

PAULO RAMOS DE CARVALHO ASSUME O DESAFIO DE CONSTRUIR UMA FREGUESIA MAIS MODERNA, PRÓXIMA E PARTICIPADA

“A Junta é dos matosinhenses e governamos para todos”

Assumir a presidência da Junta de Freguesia de Matosinhos, num momento marcado pela desagregação da antiga União das Freguesias de Matosinhos e Leça da Palmeira, significou muito mais do que iniciar um novo mandato. Para Paulo Ramos de Carvalho, os primeiros meses foram sobretudo de reconstrução administrativa, reorganização de serviços e criação das bases de uma Junta mais moderna, eficiente, digital e próxima dos cidadãos. Em entrevista exclusiva ao AUDIÊNCIA, o autarca traçou as principais prioridades para a freguesia, colocando as pessoas e a qualidade de vida no centro da ação política. Da habitação à mobilidade, passando pela coesão social, envelhecimento ativo, saúde mental e participação cívica, o edil defendeu um poder local com maior capacidade de intervenção e de captação de financiamento. Para os jovens, prometeu novas ferramentas de participação e decisão, enquanto na área social destacou projetos como o Espaço Solidário, as Vivências Seniores e o futuro Gabinete de Apoio Psicológico. Sem esquecer a cultura, o património e a forte identidade ligada ao mar, à pesca e à gastronomia, Paulo Ramos de Carvalho assumiu a ambição de construir uma Matosinhos moderna e cosmopolita, mas sem perder a sua memória e dimensão humana. “Não quero uma Matosinhos parada no tempo, mas também não quero uma Matosinhos sem memória”, afirmou.

TEXTO POR:

TÂNIA DURÃES

Assumiu a presidência da Junta de Freguesia de Matosinhos num momento particularmente importante, marcado pela desagregação de Matosinhos e Leça da Palmeira, que obrigou a uma profunda reorganização administrativa. Que balanço faz destes meses de mandato? Qual foi o maior desafio encontrado?

Faço um balanço muito positivo, mas também muito exigente. Não iniciámos apenas um novo mandato. Tivemos, na prática, de construir uma nova realidade administrativa, decorrente da desagregação da União das Freguesias de Matosinhos e Leça da Palmeira, garantindo simultaneamente que os cidadãos continuavam a ter respostas e que os serviços funcionavam com normalidade. Esse foi, provavelmente, o primeiro grande desafio: reorganizar sem parar. Separar património, recursos, procedimentos e estruturas administrativas e, ao mesmo tempo, criar as condições necessárias para que a nova Freguesia de Matosinhos pudesse afirmar-se e começar a concretizar o programa que apresentámos à população. Mas, quisemos fazer mais do que uma separação administrativa. Estamos a aproveitar este momento para pensar que Junta queremos para o futuro. Estamos por isso a trabalhar para criar uma Junta de freguesia mais moderna, eficiente, próxima, participativa e capaz de res-



Paulo Ramos de Carvalho,
presidente da Junta de Freguesia de Matosinhos

ponderar os novos desafios sociais. Estes primeiros meses foram, portanto, meses de muito trabalho de bastidores, que nem sempre é visível para os cidadãos, mas absolutamente indispensável para construirmos bases sólidas para os próximos anos.

Quais são as suas principais prioridades?

A nossa principal prioridade são as pessoas e a melhoria da sua qualidade de vida. É isso que deve orientar todas as decisões de uma Junta de



Freguesia. Temos como áreas prioritárias a coesão social, o envelhecimento ativo, a juventude, a participação cívica, a qualidade do espaço público e a valorização da identidade, da cultura e do movimento associativo de Matosinhos. Contudo, há uma prioridade menos visível para a população que considero igualmente importante: modernizar a própria Junta de Freguesia. A desagregação deu-nos também a oportunidade de repensar a organização.

Queremos uma Junta mais moderna, eficiente e digital, com procedimentos mais simples, maior capacidade de planeamento e uma estrutura interna preparada para responder aos desafios que hoje se colocam à Administração Local. E isso inclui uma aposta que considero estratégica: aumentar a nossa capacidade para captar financiamento externo. Queremos estar tecnicamente preparados para identificar oportunidades e apresentar candidaturas a fundos europeus e a programas nacionais de financiamento. Uma Junta não pode limitar-se a administrar os recursos que recebe. Tem também de ter capacidade para procurar novos recursos. Cada euro que conseguirmos captar fora das receitas tradicionais da freguesia representa maior capacidade para criar novos projetos, reforçar os que já existem e responder melhor às necessidades dos matosinhenses. Por isso, quando falamos das prioridades deste mandato, falamos de duas dimensões que caminham juntas: cuidar das pessoas e preparar a instituição para fazer mais e melhor por elas.

Há algum projeto que considere particularmente transformador para Matosinhos?

É difícil escolher apenas um, porque estamos a desenvolver uma estratégia que procura acompanhar as pessoas em diferentes momentos e necessidades das suas vidas. Mas, destacaria um conjunto de projetos na área da coesão social, do envelhecimento ativo e da saúde mental, porque acredito que podem ter um impacto muito concreto na qualidade de vida dos matosinhenses. O Espaço Solidário é um deles. Queremos criar uma resposta de proximidade para apoiar famílias em situação de maior vulnerabilidade, mas com uma filosofia que vai além da simples atribuição de apoios. Queremos mobilizar empresas, instituições e a própria comunidade, criando uma verdadeira rede local de solidariedade e procurando, sempre que possível, ajudar as pessoas a recuperar autonomia. As Vivências Seniores são outro exemplo muito importante. Estamos a construir uma resposta cada vez mais abrangente para com-



As Vivências Séniores são um orgulho para a Junta de Freguesia



bater o isolamento, promover o envelhecimento ativo, estimular física e cognitivamente os nossos seniores e, acima de tudo, proporcionar-lhes relações, participação e qualidade de vida. E queremos dar também uma aten-

ção muito particular à saúde mental e ao bem-estar psicológico. É uma realidade que atravessa todas as gerações e que ainda é, muitas vezes, vida em silêncio. Queremos desenvolver projetos de prevenção e literacia em saúde mental, criar momentos de informação e sensibilização e trabalhar em parceria com profissionais e instituições especializadas para melhorar a capacidade de sinalização e encaminhamento de quem necessita de apoio. Naturalmente, uma Junta de Freguesia não substitui os serviços de saúde, mas pode fazer aquilo que o poder local sabe fazer particu-

larmente bem, ou seja, estar próximo, detetar problemas, criar redes, prevenir e ajudar a encontrar respostas. Construir uma freguesia melhor também é isto, construir uma comunidade que cuida das suas pessoas.

A seu ver, quais são as principais necessidades dos matosinhenses?

Matosinhos é hoje um território muito atrativo, valorizado e com uma elevada qualidade de vida. Isso deve orgulhar-nos, mas o sucesso do nosso território também cria novos desafios. A habitação é seguramente um dos maiores. Temos de

evitar que a valorização de Matosinhos tenha como consequência afastar daqui os nossos jovens e as famílias que não conseguem acompanhar os atuais valores do mercado habitacional. Temos também desafios relacionados com a mobilidade, estacionamento, qualidade e acessibilidade do espaço público, assim como novas necessidades sociais decorrentes do envelhecimento da população, do isolamento, da saúde mental e das dificuldades que algumas famílias atravessam.

Que obras ou intervenções considera mais ur-

gentes para melhorar a qualidade de vida na freguesia?

Há um conjunto de intervenções no espaço público que considero prioritárias, nomeadamente a melhoria dos passeios, das acessibilidades e das condições de mobilidade pedonal. Uma freguesia verdadeiramente inclusiva tem de poder ser utilizada em segurança e com conforto por todos, pelas pessoas mais velhas, por quem tem mobilidade condicionada, por famílias com carrinhos de bebé, por crianças e por quem simplesmente escolhe andar a pé. Queremos também continuar a defender a qualificação dos espaços verdes, uma maior segurança rodoviária e melhores condições de mobilidade. Naturalmente, existem problemas cuja resolução não depende diretamente da Junta. A mobilidade é um bom exemplo. Matosinhos não pode ser pensada isoladamente do Porto, da Maia ou dos restantes territórios que diariamente se relacionam connosco. Precisamos de soluções estruturais e de uma visão metropolitana. Enquanto presidente da Junta quero ser muito claro nesta matéria, não prometerei fazer aquilo para que a Junta não tem competência, mas também não deixarei de reivindicar, junto de quem tem essa competência, aquilo de que Matosinhos precisa.

Defende uma Junta mais próxima, acessível e participada. Como se concretiza essa proximidade no dia a dia?

Para mim, proximidade não é um slogan eleitoral. É uma forma de exercer o poder e de estar no dia a dia em comunidade. Concretiza-se estando disponível, andando na rua, visitando instituições, ouvindo moradores, comerciantes e associações e conhecendo os problemas no local onde eles acontecem. Sempre entendi o poder local desta forma. Um presidente de Junta não pode conhecer a sua freguesia apenas através de relatórios ou sentado no gabinete. Mas, há outra dimensão que considero igualmente importante, a proximidade implica resposta. Não basta ouvir as pessoas. Temos de acompanhar aquilo que nos transmitem e, mesmo quando a solução

não depende da Junta ou não é possível, devemos explicar, encaminhar e procurar ajudar. Quero uma Junta de porta aberta, naturalmente. Contudo, quero, sobretudo, uma Junta que saiba ouvir, responder e estar presente.

Um dos seus objetivos passa por aumentar a participação cívica. Os cidadãos de Matosinhos participam suficientemente nas decisões sobre a freguesia?

Acredito que podem participar mais. Todavia, também considero demasiado fácil dizer simplesmente que os cidadãos se afastaram da política. As instituições têm de fazer a sua parte e criar condições para que as pessoas sintam que vale a pena participar e que a sua opinião é escutada. Temos de reforçar os canais de diálogo com a população, aproveitar também as ferramentas digitais e encontrar formas diferentes de chegar às pessoas que normalmente não participam nos mecanismos mais tradicionais, particularmente os mais jovens. Quero uma Junta que não tenha receio de ouvir opiniões diferentes, críticas ou propostas alternativas. A participação não pode servir apenas para ouvirmos aquilo com que concordamos. A democracia não acontece apenas no dia das eleições. Votarei essencial, mas participarei também e construirei democracia.

Uma das áreas que coloca no centro da sua ação é a coesão social. Que respostas considera fundamentais para apoiar as famílias mais vulneráveis?

O primeiro passo é conhecermos verdadeiramente a realidade, porque as vulnerabilidades mudaram e hoje nem sempre são visíveis. Temos famílias com emprego que enfrentam dificuldades devido ao peso da habitação, da alimentação e de outras despesas essenciais. Temos famílias monoparentais, pessoas que atravessam situações temporárias de grande fragilidade e seniores que enfrentam dificuldades económicas ou situações de isolamento. O Espaço Solidário será uma das nossas respostas, procurando mobilizar também empresas, instituições e a própria comunidade numa verdadeira rede de solidariedade. Mas, há uma ideia que para mim é



fundamental. A política social não pode significar apenas assistencialismo. Temos de estar presentes quando alguém precisa de ajuda, naturalmente, mas devemos também procurar criar condições para que essa pessoa ou família recupere autonomia. E nenhuma instituição consegue fazê-lo sozinha. Precisamos de trabalhar em rede com a Câmara Municipal, Segurança Social, IPSS, movimento associativo, empresas e outras entidades.

A Junta tem vindo a reforçar as respostas dirigidas à população sénior, nomeadamente através das Vivências Seniores. Que importância têm estes projetos no combate ao isolamento e na promoção do envelhecimento ativo?

As Vivências Seniores são um projeto de que tenho um orgulho muito especial, porque representam exatamente aquilo em que acreditamos. Trabalhamos por isso na prevenção, na proximidade, na participação e na qualidade

de vida. O aumento da esperança média de vida é uma extraordinária conquista da nossa sociedade. O grande desafio agora é conseguirmos acrescentar vida aos anos e não apenas anos à vida. Combater o isolamento, estimular física e cognitivamente, proporcionar atividade, aprendizagem, cultura, convívio e novas relações é também fazer prevenção em saúde. E queremos fazê-lo em parceria com as instituições da freguesia, aproveitando aquilo que cada uma tem para oferecer e levando estas respostas cada vez mais perto das pessoas. Envelhecer não pode significar, deixar de participar na comunidade. Queremos que envelhecer em Matosinhos possa significar continuar ativo, acompanhado, valorizado e com vontade de viver novas experiências.

Está prevista a criação de novas respostas na área da saúde mental e do apoio psicológico. Que papel deve ter uma Junta de Freguesia nesta área?

A saúde mental é hoje um dos grandes desafios da nossa sociedade e é uma realidade transversal a todas as gerações. Temos crianças e jovens sujeitos a novas pressões, adultos confrontados com dificuldades profissionais, económicas e familiares, cuidadores sujeitos a enorme desgaste e pessoas mais velhas que enfrentam situações de solidão e isolamento. Uma Junta de Freguesia não substitui o Serviço Nacional de Saúde nem os profissionais e estruturas especializadas. Mas somos muitas vezes a instituição pública mais próxima das pessoas e essa proximidade permite-nos perceber necessidades, identificar situações de maior fragilidade e criar respostas complementares. É por isso que queremos dar um passo em frente e criar um Gabinete de Apoio Psicológico, reforçando a resposta da Junta nesta área e proporcionando um apoio de proximidade a quem dele necessita, dentro daquilo que são as nossas competências e em articulação com as restantes respostas existentes no território. Queremos também continuar a apostar na prevenção e na literacia em saúde mental, promover ações de sensibilização, combater o estigma associado à procura de ajuda e trabalhar em parceria com profissionais e instituições especializadas. O Gabinete deverá também assumir um papel importante na

identificação das necessidades e, sempre que a situação o exija, no adequado encaminhamento para respostas especializadas. Acredito que uma política de saúde mental de proximidade deve assentar precisamente nesta complementaridade: prevenir, apoiar, sinalizar e encaminhar. E há uma mudança cultural para a qual também queremos contribuir. Durante demasiado tempo, muitas pessoas sofreram em silêncio porque falar de saúde mental ou procurar apoio psicológico era visto com preconceito. Temos de ajudar a mudar essa realidade. Cuidar da saúde mental é cuidar das pessoas. E uma Junta verdadeiramente próxima não pode ficar indiferente a uma das necessidades que mais afeta hoje a qualidade de vida das nossas famílias.

Que lugar ocupam os jovens na estratégia da Junta de Freguesia? Que medidas pretende desenvolver para que os jovens tenham mais oportunidades de participação na vida de Matosinhos?

Os jovens ocupam um

lugar central na nossa estratégia e queremos que sejam mais do que destinatários das políticas da Junta. Queremos que sejam protagonistas e participem na construção da freguesia onde vivem. É com esse objetivo que estamos a desenvolver uma política de juventude com diferentes dimensões. Uma das iniciativas que queremos afirmar é o Matos.in.Motion, um festival juvenil construído em parceria com associações recreativas e juvenis da freguesia. Queremos criar um espaço pensado para os jovens, onde possam encontrar-se, expressar a sua criatividade e mostrar aquilo que fazem. Porém, a nossa estratégia vai muito além de um evento. Está prevista a criação de um Conselho Jovem deliberativo, com orçamento próprio, para dar aos jovens a possibilidade de discutir, propor e também decidir. Queremos ainda avançar com o Balcão do Jovem Cidadão, uma resposta de proximidade destinada a apoiar a integração na vida ativa, desde a elaboração de um currículo à literacia



financeira ou ao esclarecimento sobre contratos de trabalho. Vamos também apostar nas Oficinas Digitais e de Soft Skills, nas Conversas sobre o Futuro, aproximando os alunos do ensino secundário de profissionais de diferentes áreas, e promovendo desta forma, a liderança, a empatia, a solidariedade e a participação comunitária. É isso que queremos fazer. Dar-lhes voz, ferramentas e oportunidades e demonstrar-lhes que Matosinhos também se constrói com as suas ideias.

A habitação é hoje uma das maiores preocupações das famílias, sobretudo num território valorizado como Matosinhos. Pode a Junta ter um papel mais ativo nesta questão?

Pode e, na minha opinião, deve ter. Aliás, considero que está na altura de discutirmos seriamente um papel mais alargado das freguesias nas políticas públicas de habitação. As Juntas de Freguesia têm uma característica que nenhuma política nacional pode substituir: um conhecimento extraordinariamente próximo do território e das pessoas. Sabemos onde estão as necessidades, conhecemos muitas das famílias, identificamos situações de vulnerabilidade e conhecemos também edifícios, terrenos e oportunidades que podem ajudar a construir respostas. Hoje, porém, existe um enorme desequilíbrio entre esse conhecimento e os instrumentos de que dis-



pomos. Com os orçamentos atuais da generalidade das freguesias portuguesas, é irrealista pensar que uma Junta possa, com recursos próprios, desenvolver uma verdadeira política de promoção de habitação. E não podemos criar um modelo em que apenas as mega freguesias, com maior dimensão e capacidade financeira, consigam intervir nesta área. Temos um exemplo extraordinário na Junta de Freguesia de Benfica, que tem demonstrado que uma freguesia pode ser também promotora de soluções habitacionais quando dispõe dos instrumentos, das parcerias e do financiamento necessários. O próprio IHRU tem destacado esse trabalho como um exemplo nacional. Mas, Benfica não pode continuar a ser uma exceção. Aquilo que hoje é um caso de referência deve ajudar-nos a construir uma política pública acessível às freguesias de todo o país. Defendo, por isso, que o IHRU deve estudar a criação de programas especificamente dirigidos às Juntas de Freguesia, com financiamento e apoio técnico pró-



prios, que lhes permitam desenvolver projetos de aquisição ou reabilitação, naturalmente em articulação com os municípios e enquadrados nas políticas públicas nacionais e locais de habitação. Não se trata de substituir as Câmaras Municipais nem o Estado. Trata-se de acrescentar capacidade ao sistema e aproveitar melhor o nível do poder local que está mais próximo das pessoas. E isso exige financiamento. Se queremos que as freguesias façam parte da solução, temos de lhes dar meios para isso. Não podemos atribuir responsabilidades sem atribuir recursos. Com os atuais orçamentos das Juntas de Freguesia, essa capacidade simplesmente não existe na esmagadora maioria dos casos. Paralelamente, continuo a acreditar muito no papel das cooperativas de habitação, das entidades da economia social, trabalhando em parceria com o Estado e as Autarquias Locais. Um problema desta dimensão não terá uma solu-

ção única. Matosinhos é um território muito valorizado e isso é positivo. O que não podemos aceitar é que essa valorização acabe por expulsar os nossos jovens e as nossas famílias ou impedir quem aqui nasceu de aqui construir o seu projeto de vida.

Matosinhos tem uma identidade muito própria, ligada ao mar, à pesca, à gastronomia e ao comércio tradicional. Como pode a Junta de Freguesia ajudar a preservar e valorizar essa identidade?

Matosinhos é hoje uma freguesia moderna, atrativa e cosmopolita, mas não pode perder aquilo que a distingue. Não quero uma Matosinhos parada no tempo, mas também não quero uma Matosinhos sem memória. O mar, a pesca, o Porto de Leixões, a gastronomia, o Mercado, o comércio tradicional, as nossas coletividades e tradições fazem parte de quem somos. Cabe à Junta apoiar quem mantém essa identidade viva e transmiti-la às novas

gerações. Projetos como “O Marna Escola” ou o “Arroz de Sardinha – Matosinhos Terra de Mar e Sabores” têm precisamente esse objetivo, o de preservar a nossa memória, valorizar as nossas tradições e projetá-las no futuro. Podemos ser modernos e cosmopolitas sem deixarmos de ser Matosinhos.

Relativamente à cultura, que iniciativas gostaria de afirmar como marcas da Freguesia de Matosinhos?

Queremos uma política cultural que junte identidade, memória, criação e participação. Pretendemos consolidar iniciativas como a Gala de Fado e afirmar Matos. in. Motion como uma nova marca da freguesia. Ao mesmo tempo, projetos como o Junt'Aberta, o “Matosinhos, Quem És Tu...” e os “Caminhos do Património” permitirão abrir novos espaços à cultura e valorizar os nossos artistas, a nossa história e o nosso património. Isto tudo sem nunca esquecer a Festa do Senhor de Matosinhos e as Grandiosas Festas do Mártir S. Sebastião que fazem parte da nossa identidade. Matosinhos não precisa de inventar uma identidade cultural. Precisa de valorizar aquela que já tem e dar-lhe futuro.

Quais são os seus maiores sonhos para Matosinhos?

Sonho com uma Matosinhos onde seja possível construir um projeto de vida em todas as idades, onde uma criança

tenha oportunidades para crescer, um jovem encontre razões para ficar, uma família consiga construir o seu futuro e os mais velhos possam envelhecer com dignidade, autonomia e companhia. Quero uma freguesia moderna, sustentável, segura, inclusiva e capaz de crescer sem perder a sua identidade e a sua dimensão humana. Matosinhos tornou-se uma terra onde muitas pessoas querem viver. O nosso grande desafio é garantir que continue a ser uma terra onde as pessoas conseguem viver.

Que legado gostava de deixar enquanto autarca?

Mais do que um legado pessoal, quero deixar uma freguesia e uma instituição mais fortes. Gostaria que os matosinhenses sentissem que tiveram uma Junta próxima, séria, transparente, moderna e capaz de transformar ideias em respostas concretas. Quero deixar projetos consolidados, melhores respostas sociais e uma Junta mais organizada, digital e tecnicamente preparada, inclusive para captar fundos nacionais e europeus. A desagregação obrigou-nos a reconstruir uma estrutura. Quero aproveitar essa oportunidade para preparar a Junta de Freguesia de Matosinhos para o futuro. No final, gostaria de deixar a nossa Junta de Freguesia mais forte do que a que encontramos e a certeza de que a política de proximidade pode fazer diferença na vida das pessoas.

Que mensagem gostaria de deixar à população?

Antes de mais, uma palavra de agradecimento pela confiança dos matosinhenses e a certeza de que temos consciência da responsabilidade que ela representa, bem como a todos os autarcas e funcionários que comigo trabalham em prol desta terra que amamos. Não prometo resolver tudo, mas assumo um compromisso muito claro. O compromisso de ouvir, estar presente, trabalhar, prestar contas e nunca deixar de procurar soluções. A Junta não é do presidente, do executivo ou de um partido. A Junta é dos matosinhenses e governamos para todos. Temos uma terra extraordinária e pessoas que são a sua maior riqueza. É com elas para elas que continuaremos a trabalhar.

idade dourada

Editorial

Envelhecer é continuar a fazer parte

Há dias que valem mais do que uma simples viagem. O passeio anual sénior de Oliveira do Douro, que este ano reuniu cerca de 650 pessoas, é um desses exemplos. À primeira vista, pode parecer apenas mais uma iniciativa de convívio. Todavia, basta observar os rostos, ouvir as conversas e perceber a alegria dos reencontros para compreender que estamos perante algo muito maior.

Para muitos dos participantes, aquele dia significou sair da rotina, rever amigos, conhecer novos lugares e, sobretudo, sentir que continuam a ter um lugar ativo na comunidade e essa é uma mensagem que não devemos ignorar.

A população sénior não pode ser vista apenas como destinatária de respostas sociais ou como um grupo que necessita de cuidados. São homens e mulheres que trabalharam, constituíram famílias, construíram comunidades e deixaram marcas profundas nos territórios onde vivem. Carregam consigo memórias, experiências e conhecimentos que nenhuma sociedade pode dar-se ao luxo de desperdiçar.

Por isso, iniciativas como esta têm uma importância que ultrapassa o simples momento de lazer. Quando 650 seniores se juntam para partilhar uma refeição, dançar, conversar e celebrar a vida, estão também a reforçar laços comunitários, a combater o isolamento e a solidão e a mostrar que a idade não deve ser uma barreira à participação.

É particularmente significativo ouvir os responsáveis autárquicos reconhecerem essa realidade e assumirem que este tipo de iniciativa é para continuar. Mais importante ainda é perceber que existe a intenção de ir além do passeio anual, através de respostas como os centros de atividades, o Desporto Sénior e a projetada Academia Sénior.

É aí que deve estar o verdadeiro desafio, pois não basta proporcionar um dia especial por ano. É necessário criar condições para que os seniores tenham 365 dias de oportunidades para participar, aprender, conviver e continuar a sentir-se úteis e valorizados. Uma Academia Sénior, com música, teatro, trabalhos manuais ou jogos tradicionais, pode parecer uma pequena resposta perante os grandes desafios de uma sociedade envelhecida. Contudo, são precisamente estas pequenas respostas que podem fazer uma enorme diferença na vida de quem muitas vezes procura apenas uma oportunidade para sair de casa, conversar e sentir que ainda pertence.

Oliveira do Douro mostrou, neste passeio, que os seniores querem continuar a viver, a conviver e a participar. Querem sair, conversar, dançar, rir e fazer planos para o próximo encontro. E talvez seja essa a melhor lição deixada por este dia. Uma sociedade verdadeiramente inclusiva é aquela que não deixa ninguém para trás, independentemente da idade.



Tânia Durães



FÁBIO PINTO LEVOU 650 OLIVEIRENSES NO PASSEIO ANUAL DA TERCEIRA IDADE

“Este é um dia especial”

Cerca de 650 seniores de Oliveira do Douro trocaram, no passado dia 4 de setembro, a rotina por um dia de passeio, convívio e animação. Entre Esposende, o Santuário de Santa Luzia, em Viana do Castelo, e a Quinta do Cruzeiro, em Vila Praia de Âncora, foram muitas as histórias partilhadas, os reencontros e os momentos de alegria. O passeio anual, promovido pela Junta de Freguesia de Oliveira do Douro, com o apoio da Câmara Municipal de Gaia, reafirmou-se, assim, como uma das iniciativas mais aguardadas pelos seniores da freguesia.

POR:

TÂNIA DURÃES

O relógio ainda não marcava as 8h30 quando os primeiros participantes começaram a concentrar-se para aquele que seria um dos dias mais aguardados do ano. Ao todo, 13 autocarros partiram de Oliveira do Douro com cerca de 650 seniores a bordo, numa jornada pensada para proporcionar um momento de descontração, convívio e partilha, fora da rotina diária. O destino inicial foi Esposende, onde os participantes tiveram oportunidade de passear, explorar o local e aproveitar algum tempo livre. Entre conversas, encontros entre amigos e momentos de descontração, o dia começava a ganhar o ritmo próprio de uma iniciativa que, ano após ano, se tornou uma verdadeira tradição na freguesia e no concelho.

A viagem prosseguiu depois até Viana do Castelo, mais concretamente até ao Santuário de Santa Luzia, onde os seniores participaram numa celebração religiosa presidida pelo pároco de Oliveira do Douro, padre Ricardo Ribeiro.

Terminada a eucaristia, os 13 autocarros voltaram à estrada, desta vez rumo a Vila Praia de Âncora, onde a Quinta do Cruzeiro aguardava os oliveirenses para a segunda parte do programa, o almoço e uma tarde dedicada inteiramente ao convívio.



Fábio Pinto,
presidente da Junta de Freguesia
de Oliveira do Douro



O executivo da
Junta de Freguesia de Oliveira do
Douro ficou radiante com o certame



O pároco oliveirense
presidiu a eucaristia
no Santuário de Santa Luzia

À chegada, o ambiente rapidamente se transformou. Depois do banquete, os participantes espalha-

ram-se pelos espaços verdes da quinta, aproveitaram o cenário para conversar e matar saudades e, para



Rui Cardoso, Fábio Pinto, Carla Costa, Cláudia Silva, Tiago Fernandes e André Gomes



Os oliveirenses passaram a manhã em Esposende



O banquete foi servido na Quinta do Cruzeiro



Os Bombeiros Voluntários de Avintes participaram no certame



Os oliveirenses renderam-se à pista de dança



Carla Costa e Fábio Pinto



Carla Costa, vereadora da Câmara Municipal de Gaia

ditos, houve ainda tempo para mostrar que a idade não é obstáculo à vontade de dançar.

A música tomou conta do espaço e o momento dançante prolongou-se pela tarde, intercalado com conversas,

risos e encontros entre pessoas que, apesar de viverem na mesma freguesia, muitas vezes só têm oportunidade

de conviver em momentos como este. Para Fábio Pinto, presidente da Junta de Freguesia de Oli-

veira do Douro, o passeio tem uma dimensão que ultrapassa largamente o simples carácter recreativo. O autarca

falou num sentimento de felicidade ao acompanhar de perto uma iniciativa que, durante anos, observou de

idade dourada



outra perspetiva. “Este é um dia especial para vocês. Espero que esteja tudo a correr bem”, afirmou durante a intervenção dirigida aos participantes, aproveitando também para agradecer a todos os que contribuíram para a realização do passeio, nomeadamente, à Câmara Municipal de Vila Nova de Gaia.

Em declarações exclusivas ao AUDIÊNCIA, Fábio Pinto assumiu que viver o passeio enquanto presidente da Junta lhe permitiu confirmar a importância que esta iniciativa tem para a população sénior. “Sempre vi este passeio um bocadinho de fora e sempre tive a ideia de que era um momento muito importante para a freguesia e para os seniores e constatei exatamente isso”, confessou.

Para o autarca, a dimensão do evento explica-se também pela oportunidade de encontro que proporciona. “Para muitas destas pessoas, se calhar, pode ser o único passeio ao longo do ano que fazem e é um momento de reunião, de convívio, onde muita gente se encontra, amigos de vários pontos da freguesia”, destacou.

A aposta, garantiu o edil, é para manter. “Tanto para a Câmara como para a Junta de Freguesia é uma iniciativa para continuar e que tem todo o apoio nosso”, assegurou. A Câmara Municipal de Gaia esteve representada no passeio pela vereadora Carla Costa, que fez questão de participar diretamente no convívio com os seniores. Durante a sua intervenção, a autarca salientou que “este

é um dia diferente para vocês que o presidente da Junta de Freguesia de Oliveira do Douro fez questão de vos proporcionar”.

Carla Costa garantiu ainda que o município pretende continuar a apoiar uma iniciativa que considera fundamental para a população sénior. “Acreditem que este evento foi preparado, pelo executivo e pelo município, com muito carinho para que vocês hoje possam mesmo usufruir e tirar partido deste convívio que é anual e que é para manter, nunca será para terminar”, assegurou.

Neste seguimento, a edil frisou, ainda, em exclusivo ao AUDIÊNCIA, a importância de criar momentos em que os seniores possam sair da rotina e reencontrar pessoas da comunidade. “É muito

agradável participar nestas iniciativas e perceber que os seniores também não podem ser esquecidos, como é óbvio. Já deram muito contributo para a sociedade, para a comunidade, para as famílias deles”, afirmou, destacando que “são pessoas que transmitem muita alegria e, de certa forma, muita energia à maneira deles”.

“Para muitos deles é a oportunidade de saírem do local habitual, fora da rotina e de porem a conversa em dia com pessoas que provavelmente muitos só veem neste dia, quando há convívios da freguesia ou as festas mais locais”, explicou Carla Costa, garantindo que “vamos tentar melhorar e procurar outras soluções que agradem os seniores e que seja diferente, seja uma experiência





diferente para os nossos seniores”. O passeio anual de Oliveira do Douro acabou por ser, assim, mais do que um dia fora da freguesia. Foi um momento de encontro entre gerações, de reforço dos laços comunitários e de reconhecimento de quem durante décadas contribuiu para o desenvolvimento das famílias, da freguesia e da sociedade. Para Fábio Pinto, o contacto direto com os participantes permitiu também conhecer melhor algumas das preocupações que marcam o quotidiano da população sénior. “Fui passando por todas as mesas e falando um bocadinho com quase todos, demonstraram-me preocupações várias, habitação, transportes, mobilidade, as ruas”, revelou o autarca,

reconhecendo que nem todos os problemas podem ser resolvidos de imediato, mas garantindo que existe trabalho em curso. Ainda assim, deixou uma mensagem de confiança aos seniores de Oliveira do Douro. “Confiem no trabalho que a Junta de Freguesia está a fazer em colaboração com o município”, apelou, desejando que “para o ano estejamos todos aqui, se estivermos estes 650 seniores seria para nós muito bom e com muita alegria”. Apesar de o passeio anual ser um dos momentos mais aguardados, a Junta de Freguesia procura desenvolver uma política de apoio e dinamização da população sénior ao longo de todo o ano. Fábio Pinto revelou que Oliveira do Douro dispõe atualmen-

te de várias respostas destinadas aos mais velhos, entre elas o Centro de Atividades Sénior de Quebrantões e o Centro de Convívio, desenvolvido em parceria com a Cruz Vermelha nas instalações da Junta de Freguesia. Contudo, os projetos não ficam por aqui. A autarquia está a trabalhar na criação de uma Academia Sénior, com previsão de arranque em 2027. “Estamos a trabalhar nisso, ou seja, os seniores poderão ir às instalações da Junta, frequentar ateliers, nomeadamente, de música, de teatro ou de trabalhos manuais”. A intenção passa por criar um espaço onde os seniores possam continuar ativos, aprender, conviver e, simultaneamente, preservar práticas e memórias que fazem parte da identidade das

gerações mais velhas. A tarde aproximava-se do fim, mas a animação não dava sinais de abrandar. Depois do almoço, das conversas e da música, chegou um dos momentos simbólicos do passeio, o tradicional corte do bolo, acompanhado de um brinde à continuidade de uma iniciativa que já faz parte do calendário da população sénior de Oliveira do Douro. Com o final da jornada, os participantes regressaram à freguesia depois de um dia intenso, mas sobretudo marcado pela boa disposição. Nos rostos, o cansaço próprio de quem passou várias horas em passeio misturava-se com os sorrisos e com a satisfação de quem teve a oportunidade de sair da rotina, rever amigos e viver novas experiências.



PATINAGEM ARTÍSTICA

Atleta gaiense vai representar Portugal na Taça da Europa

TEXTO POR:
JOANA VASCONCELOS

Maria João Monteiro Pereira, jovem atleta de Patinagem Artística da ACD Gulpilhares, foi convocada para representar Portugal na Taça da Europa de Patinagem Artística, que decorrerá de 18 a 24 de outubro, em Stade, na Alemanha. Com apenas 11 anos de idade, esta oportunidade representa muito mais do que uma competição, sendo o reconhecimento de muitos anos de treino, sacrifício, dedicação e paixão pela modalidade, e também uma oportunidade única de levar o nome de Portugal, de Gaia e da ACD Gulpilha-



res além-fronteiras. Desde os 4 anos que a atleta gaiense pratica a modalidade no ACD Gulpilhares Patinagem Artística, tendo vindo a conquistar vários títulos e resultados de destaque a nível distrital, nacional e internacional. Em 2024, sagrou-se Campeã Nacional de Benjamins e alcançou o 7º lugar no World Skate Artistic Series, em Trieste, Itália. Em 2025, conquistou o 3º lugar no Campeonato Distrital e o 5º lugar no Campeonato Nacional. Já em 2026, sagrou-se Campeã Distrital e Campeã Nacional de Patinagem Livre e alcançou o 5º lugar no Artistic World Cup, em Garmisch, Alemanha.

VELA

Serafim Gonçalves conquista 5º Memorial José Rodrigues

O velejador matosinhense Serafim Gonçalves, “nascido” das escolas de formação do Sport Clube do Porto, em Leça da Palmeira (Matosinhos), detentor de um vasto currículo recheado de troféus e actualmente a representar os “vareiros” da NADO/DOUROAZUL, acaba de conquistar mais um dos seus inúmeros troféus ao impor os seus atributos competitivos na regata comemorativa do 5º Memorial José Rodrigues, uma competição organizada pela secção náutica da Associação Desportiva Ovarense, em memória de um dos seus fundadores e ex-presidentes, destinada a assinalar o desaparecimento de um antigo dirigente que a colectividade dificilmente esquecerá – José Rodrigues. Com um vasto historial de décadas de competição, Serafim Gonçalves não deixou os seus “créditos” por “intenções” alheias, superiorizando-se aos restantes seis companheiros de luta para cumprir mais um dos seus hábitos adquiridos, que é obter mais uma vitória na



sua carreira e superiorizar-se aos seis opositores em prova, à frente do seu antigo companheiro Manuel Machado, actualmente a representar o clube da Costa Nova. Um triunfo natural e decerto modo um

tanto esperado, diante de um amigo de longa data, classificando-se no terceiro lugar outro representante da NADO, João Pimenta, o 3º a completar a prova, que teve o desempenho de sete velejadores, todos regressa-

dos após um curto período de férias.

Jorge Paula (C. N. Barra) impôs-se nas Quatro Horas da Costa Nova

Entretanto, a 45ª edição das “Quatro Horas da Costa

Nova, iniciativa a cargo do Clube de Vela da Costa Nova (Ilhavo) e outra das provas disputadas no mesmo fim de semana, com desfecho surpresa ou “talvez não”!, teve desta vez um vencedor diferente, fruto de uma luta

incessante travada entre os concorrentes mais credenciados, que incluía também o próprio velejador da Nado/Ovarense que acabou por fornecer uma surpresa da qual nem todos estariam à espera, mediante o triunfo de Jorge Paula, velejador que representa o ilhavense Clube Náutico da Barra. Surpresa, ou talvez não, a verdade é que o despique da tarde colocou no patamar principal da jornada o velejador do Náutico da Barra, Jorge Paula, que emergiu após o despique emocionante que travou com Serafim Gonçalves e isso permitiu-lhe inscrever o seu nome na lista dos vencedores, talvez mesmo contrariando eventuais previsões, em relação ao segundo lugar obtido pelo consagrado velejador, cenário que relegou para a segunda posição o consagrado “laserista” da Nad/Ovarense, que não conseguiu nestas Quatro Horas da Costa Nova, alcançar o “brilho” e o nível competitivo com que, frequentemente, se apresenta e emerge na linha de chegada de cada competição em que se envolve. **AMC**



VILA NOVA DE GAIA

Torneio de Futebol João Pinto decorreu em Oliveira do Douro

TEXTO POR:
ÁLVARO BASTOS

Na tarde de domingo, 6 de setembro, desloquei-me ao estádio do CF Oliveira do Douro para assistir aos jogos da atribuição do 3º e 4º Lugar e a final do Torneio João Pinto, que colocou frente a frente o Valadares e o CF Oliveira do Douro, clube organizador do Torneio.

Num ambiente de grande festa, a final foi disputada com grandes jogadas de parte a parte. Entre os presentes, brilhou o capitão, Filipe Mota que obteve 2 golos para Oliveira do Douro, com o golo do Valadares sido obtido por Guilherme nos minutos finais. O Sandinenses derrotou o Vilanovense e alcançou o 3º Lugar do Torneio. O CF Oliveira do Douro realizou o Torneio João Pinto, numa



homenagem a um grande atleta do FC Porto, que brilhou como lateral direito e que representou a seleção de Portugal por 70 vezes. João Pinto, natural de Vilar de Andorinho, jogou no CF Oliveira do Douro e foi Presidente do clube que o viu nascer para o Desporto-rei de 2023 a 2006. CF Oliveira do Douro, mais que futebol é a força de vencer.

PUB

OBE

CONSTRUÇÕES

+351 966 459 288

www.obeconstrucoes.pt

propostas@obeconstrucoes.pt

A SUA CASA ESTÁ
A PEDIR UMA
OBRA?

UNIÃO AFURADENSE INICIA-SE NO FUTEBOL MASTERS COM AMBIÇÃO

“Vocês têm a responsabilidade de subirem de divisão”

A União Afuradense vai participar, pela primeira vez, na competição de Masters da Associação de Futebol do Porto, recuperando um projeto que marcou a história desportiva da freguesia entre 2009 e 2019. Apresentada oficialmente no dia 5 de setembro, na sede da coletividade, a equipa nasce de uma parceria entre a Junta de Freguesia de São Pedro da Afurada e a União Afuradense e assume como principais objetivos reforçar a identidade local, promover o espírito comunitário e levar o nome da Afurada aos palcos competitivos, com a ambição assumida de conquistar a subida de divisão.

TEXTO POR:
TÂNIA DURÃES

A sede da União Afuradense foi palco, no passado dia 5 de setembro, da apresentação oficial da equipa que vai representar a coletividade na competição de Masters da Associação de Futebol do Porto. Mais do que a apresentação de um novo conjunto de jogadores, a sessão marcou o nascimento de um projeto que pretende recuperar uma ligação histórica da Afurada ao futebol e, simultaneamente, reforçar a relação entre o associativismo, o desporto e a comunidade.

O projeto resulta de uma iniciativa conjunta da Junta de Freguesia de São Pedro da Afurada e da União Afuradense e recupera uma experiência iniciada em 2009, quando a freguesia avançou com uma equipa de Masters. O projeto manteve-se ativo durante uma década, até 2019, e regressa agora com novos protagonistas, mas com a mesma vontade de representar o território.

Eduardo Matos, presidente da Junta de Freguesia de São Pedro da Afurada, explicou que a conferência serviu precisamente para assinalar o início desta nova etapa. “Eu decidi marcar esta conferência de imprensa para, de uma forma simbólica, assinalar aquilo que é um projeto que vai dar agora início aqui na freguesia, que tem uma história e eu queria partilhar essa história com todos os presentes”, afirmou.

O autarca recordou que foi em 2009 que teve início a primeira experiência ligada aos Masters. “Em 2009, era eu então o presidente da Junta, iniciámos na altura um projeto ligado também ao Masters”, lembrou, acrescentando que “projeto esse que durou até 2019, mas quis o destino que estivéssemos aqui novamente”.



Eduardo Matos, presidente da Junta de Freguesia de São Pedro da Afurada



João Neto, presidente da Assembleia de Freguesia de São Pedro da Afurada

O regresso aconteceu de forma relativamente rápida. Segundo Eduardo Matos, “há cerca de um mês fomos desafiados para, de alguma forma, recuperar este projeto e decidimos desafiar a União Afuradense para que, connosco, pudesse levar a cabo este projeto desportivo”. A resposta encontrada na comunidade foi positiva e o entusiasmo de antigos intervenientes acabou por contribuir para que a iniciativa avançasse. “Continuamos a ter um grupo de homens, como o Chico Nelo, o Abílio, o Tavares, o Miguel João, o Chiquinho e logo percebi o entusiasmo que existia no âmbito deste projeto”, revelou o presidente da Junta. Um dos aspetos fundamentais para concretizar a inscrição da equipa na competição foi encontrar um espaço para os treinos e jogos. A solução surgiu através do Clube Desportivo do Candal, que disponibilizou as suas instalações à União Afuradense. “O primeiro agradecimento vai para o presidente do Candal, que nos disponibilizou o campo, para podermos fazer os nossos jogos em casa e o treino semanal”, frisou Eduardo Matos.

Para o autarca, a disponibilidade demonstrada pelo clu-



Francisco Fonseca, o presidente da União Afuradense

be de Vila Nova de Gaia “é um exemplo que o Candal nos dá, pelo facto de estar sempre de portas abertas para ajudar projetos como este. Aliás, sem isso não estaríamos aqui”.

A importância da cedência das instalações é ainda maior tendo em conta que, sem um espaço para competir e treinar, a própria inscrição na prova não seria possível. “É importante termos equipamentos e termos jogadores, mas sem campo a nossa inscrição nem entrava na Associação de Futebol do Porto”, salientou Eduardo Matos.

Hugo Pinto, presidente do

Clube Desportivo do Candal, confirmou que a decisão de apoiar a União Afuradense foi natural. “Quero dar os parabéns pela iniciativa e dizer que quando o presidente da Junta nos solicitou ajuda para que a União Afuradense pudesse fazer lá os jogos e treinos, o Candal só podia aceitar”, afirmou, recordando que “nós não podíamos fechar os olhos ao facto de as gentes da Afurada terem um carinho muito especial pelo Candal” e lembrando que “há muitos afuradenses que também são sócios do Candal”.

A abertura das portas do

clube enquadra-se, segundo Hugo Pinto, numa política de maior proximidade com a comunidade. “A ideia desta Direção é fazer com que o Candal não se feche nele próprio e também ajude a comunidade”, destacou.

O apoio institucional da Junta de Freguesia será também uma componente importante para o desenvolvimento do projeto. Eduardo Matos garantiu que o executivo estará “na primeira linha” e admitiu que esta parceria poderá abrir caminho a outras iniciativas. “A Junta de Freguesia está aqui para apoiar de uma forma significativa

este projeto”, assegurou, acrescentando que “poderá ser aqui o início de outros acordos ligados ao desporto, aqui na freguesia”.

É neste contexto que o projeto dos Masters assume uma importância que ultrapassa a dimensão competitiva. A intenção é criar novas oportunidades para a população e reforçar a utilização dos equipamentos e das estruturas associativas existentes. Durante a conferência de imprensa, Eduardo Matos aproveitou ainda para anunciar uma intervenção num equipamento desportivo da freguesia. “Posso anunciar-vos que dentro de pouco tempo teremos um Polidesportivo aqui na Afurada, que será disponibilizado à comunidade e será um equipamento que a freguesia vai voltar a ter”, revelou.

O presidente da Junta adiantou que o processo para a recuperação do espaço está próximo de avançar. “Dentro de dias vamos lançar o concurso, o que vai permitir que o pavilhão seja remodelado, porque está completamente deteriorado, e passe a estar disponível, porque a freguesia bem precisa”, explicou.

Se a vertente comunitária é uma das principais marcas do projeto, a componente com-

petitiva não foi esquecida. A equipa entra nos Masters da AF Porto com objetivos concretos e a ambição assumida de lutar pela subida de divisão.

Recordando os resultados alcançados no passado, o autarca destacou que “a Afurada, então lá atrás, precisou de dois ou três anos para ganhar tudo o que havia para ganhar”, assegurando aos jogadores que “vocês têm a responsabilidade, primeiro e esse é o objetivo, de subirem de divisão, assim para o ano podemos estar ali a jogar com os melhores”.

Mas, para além dos resultados, há uma dimensão identitária que assume particular importância para a Junta de Freguesia. “O mais importante também é ter este espírito de comunidade e a única coisa que eu vos peço é que honrem sempre a história e o nome da Afurada e também o nome feliz desta associação, União Afuradense”, apelou. A Junta de Freguesia também formalizou o apoio financeiro à iniciativa. “Nós celebramos dois protocolos com a União Afuradense. Estamos a falar de uma quantia de 1300 euros”, revelou Eduardo Matos.

Mais do que o valor do investimento, o autarca destacou a importância simbólica do projeto e a capacidade de mobilização da comunidade. “A importância é nós sentirmos a alma afuradense. Nós sentirmos a Afurada”, garantiu, evidenciando que “esta equipa toda é composta por pessoas daqui” e que essa ligação à terra constitui um dos principais objetivos da iniciativa.

Durante a conferência de imprensa, o presidente da União Afuradense, Francisco Fonseca, assumiu a participação nos Masters como um momento marcante para a instituição. “É com um enorme orgulho e emoção que hoje vos dirijo estas palavras, num momento que ficará, sem dúvida, marcado na história da União Afuradense”, asseverou, destacando que “hoje não estamos apenas a apresentar uma equipa de futebol. Estamos a apresentar um projeto, uma ambição e um compromisso com a nossa terra, com a nossa instituição e com todos aqueles que acreditam que o desporto continua a ter um papel fundamental na nossa comunidade”.



A camisola da União Afuradense terá, nesta nova etapa, uma responsabilidade que ultrapassa as quatro linhas. Francisco Fonseca dirigiu uma mensagem especial aos jogadores, lembrando-lhes que serão também os representantes da freguesia. “Vocês são a imagem desta camisola dentro das quatro linhas”, afiançou, acrescentando que “ser jogador dos Masters da União Afuradense não significa apenas entrar em campo, marcar golos ou ganhar jogos, significa representar a Afurada. Significa levar convosco o nome da União Afuradense e desta linda terra que é a Afurada”. O presidente da coletividade apelou ainda ao respeito pelos adversários, árbitros e instituições que integram o futebol. “Queremos competir naturalmente, queremos ganhar, mas queremos, acima de tudo, honrar a camisola e dar o exemplo”, declarou. Francisco Fonseca sublinhou igualmente que “o futebol Masters tem algo muito especial, mostra-nos que a pai-

xão pelo futebol não tem idade. Os anos passam, as pernas podem já não responder como antes, mas o amor pelo jogo, a amizade, o espírito de equipa e a vontade de vestir uma camisola continuam bem vivos”. Para o dirigente, essa diversidade de percursos constitui uma das maiores riquezas do grupo. “Aqui estão os jogadores com diferentes histórias, diferentes experiências e diferentes percursos, mas unidos por uma coisa em comum: o amor pelo futebol e o orgulho em representar a União Afuradense e a terra que representa, que é a Afurada”. A estratégia desportiva da União Afuradense não ficará, contudo, limitada ao futebol. Durante a sessão, Francisco Fonseca anunciou que a instituição está também a preparar a entrada numa nova modalidade. “Tenho também a anunciar que vamos estar com uma equipa de basquetebol a representar a União Afuradense na Liga Inatel”, revelou, explicando que o projeto pretende

“aproximar ainda mais o desporto da nossa comunidade e criar novas oportunidades para que a nossa terra seja representada e reconhecida”. A iniciativa também foi saudada por Paulo Rodrigues, presidente da Federação das Coletividades de Vila Nova de Gaia, que fez questão de felicitar a Junta de Freguesia e a União Afuradense pelo lançamento do projeto, recordando que “o Rancho Folclórico da Afurada passou a designar-se União Afuradense precisamente com este objetivo, que é criar novos projetos e eles estão a surgir de facto”. Para o dirigente, o futebol Masters e o anunciado projeto de basquetebol são sinais de uma nova fase da associação. “Este projeto do Masters é fantástico e, como anunciou agora também o basquetebol na Fundação Inatel, acho que estão no caminho certo”, concluiu. Também João Neto, presidente da Assembleia de Freguesia de São Pedro da Afurada, referiu que “este projeto é importante e vem



mostrar que as associações e as instituições servem para haver esta sinergia onde todos possam colaborar para o bem da Afurada, neste caso, da comunidade da Afurada”. Na sua perspetiva, o novo projeto poderá funcionar como um ponto de partida para o desenvolvimento de outras iniciativas desportivas, nomeadamente dirigidas às gerações mais jovens. “Eu acho que este projeto pode levar a que, aqui na Afurada, se desenvolvam mais projetos ligados ao desporto, porque não ao futebol, aproveitando este facto para se criar aqui com a União Afuradense, que me parece

ser uma associação que neste momento tem condições para tal, envolvendo as crianças e os jovens”, defendeu. A estreia da União Afuradense nos Masters da Associação de Futebol do Porto representa, assim, o regresso de um projeto com raízes na história recente da freguesia, mas também o início de um novo ciclo. Mais do que ganhar jogos, a missão passa por fazer com que cada partida leve consigo o nome da Afurada, reforçando o orgulho de uma comunidade que volta a encontrar no desporto um espaço de encontro, participação e representação coletiva.



Manuel Villas Boas

Contra ventos e marés

Neste mês cáldo de Setembro, abriram-se as portas da 50ª edição do maior evento sócio cultural do País que, como sempre tem acontecido, é levado à prática pelos militantes do Partido Comunista Português, pela JCP e amigos do Partido, mobilizados desde Junho passado para a divulgar e levantar pavilhões para as delegações estrangeiras, preparar espaços para debates de teor político e cultural, actividades desportivas e musicais e para as crianças poderem brincar à vontade, não esquecendo um posto de saúde, um dispositivo de bombeiros, postos de informações e multibanco, ou seja, proporcionar a melhor estadia aos visitantes no belo espaço da Quinta da Atalaia adquirido pelo colectivo partidário em 1990,

no sentido de superar as dificuldades continuamente levantadas pelas entidades proprietárias dos locais indicados para a adequada realização da Festa.

Longínquos vão os tempos, de 1976 na primeira Festa, em que nãooubemos todos na FIL, pois para quem se lembra a adesão percorreu o País de norte a sul e os artistas nacionais e estrangeiros de renome também contribuíram para o êxito obtido e de tal forma que a realização de Festa continua a ser todos os anos o ponto de encontro que atravessa gerações irmanadas nas suas características populares com conteúdo político de classe que valoriza a cultura, a liberdade e a solidariedade.

Todos quantos visitam a Festa sentem-se como em

casa, bem acolhidos num espaço de Paz, em que durante três dias se vive e con-vive, num ambiente de tran-qui-li-dade, festa, ami-zade e ca-ma-ra-dagem que em mais ne-nhum outro lado en-con-tramos.

Não esquecemos que esta é a Festa do Por-tugal de Abril, tor-nada pos-sível com a Re-vo-lução e como tal nela vivem-se e de-fendem-se os va-lores de Abril, uma Festa onde se pro-jecta e ganha força a luta por um fu-turo me-lhor, por me-lhores sa-lá-rios e di-reitos, pela de-fesa do Serviço Nacional de Saúde e da Es-cola Pú-blica, pelo di-reito à Ha-bi-tação, por melhores Transportes, por Justiça Social, por uma Segurança Social Pública, enfim luta por um Por-tu-

tugal com fu-turo, por um mundo de pro-gresso so-cial e de Paz.

Um acontecimento desta magnitude e conteúdo, com profundo enraizamento nos trabalhadores, na juventude e no povo em geral, impossível de igualar, tem sido alvo de preconceitos e mesmo de silenciamento por parte de alguns sectores da sociedade civil apostados em denegrir esta iniciativa a todo o custo e esta 50ª edição não constituiu excepção à regra, pois desta feita surgiu a grande novidade de que o PCP tinha convidado uma organização terrorista palestina para o evento, esquecendo-se ou fazendo-se esquecer os autores da atoarda de referir, isso sim, quem são os terroristas que invadem países e praticam o genocídio e que em muitos países a luta

armada por independência, melhores condições de vida e contra a exploração do ser humano sempre aconteceu. No comício de encerramento desta 50ª edição da Festa, o Secretário Geral do PCP referiu a vontade do colectivo partidário de continuar a luta pela Paz, contra as medidas governamentais em vários sectores da vida nacional que prejudicam a população, nomeadamente nos Serviços Públicos Essenciais, saudou todos os que apareceram na Festa pela primeira vez, criticou aqueles que promovem agendas de ódio e racismo tentando dividir a população, a qual, no entanto, pode contar com a presença dos comunistas para promover dia a dia um futuro melhor para todos, referiu ainda as privatizações prejudiciais

em curso que merecerão o necessário combate, afirmou que Portugal precisa de soberania para não estar continuamente sujeito às determinações da União Europeia, da NATO e dos Estados Unidos e que perante esta ofensiva global deve existir uma reacção global, é preciso uma política patriótica e de esquerda para evitar a política actual que pretende atacar direitos e reverter a Constituição, saudou a CGTP e afirmou que Portugal não está condenado a ser um «resort» turístico, pode produzir mais mas com direitos para quem produz, apoiando também as micro, pequenas e médias empresas e a juventude, e só com o PCP o Partido da classe operária e de todos os trabalhadores será possível atingir este objectivo.



Raquel Mota Pinto

A nova fronteira da elegância: Como o envelhecimento está a redefinir o mercado de luxo

Vivemos uma transição demográfica sem precedentes. As projeções apontam para uma realidade incontornável: até 2050, mais de um terço da população europeia terá ultrapassado os 60 anos, e o segmento dos maiores de 80 anos caminha para duplicar. Esta inversão da pirâmide etária não é apenas um dado estatístico; é o motor de uma transformação profunda que está a redesenhar o mapa económico e cultural, com um impacto direto e surpreendente num dos setores mais exclusivos do mundo: o mercado de luxo.

Durante décadas, a indústria do luxo olhou quase exclusivamente para a juventude aspiracional. No entanto, o epicentro do consumo está a

deslocar-se para uma clientela muito mais madura, altamente exigente e, acima de tudo, detentora de um sólido património. Na maioria dos países da União Europeia, a faixa sénior detém entre 60% a 70% da riqueza líquida das famílias. São os chamados baby boomers, uma geração que amadureceu, que procura a longevidade ativa e que redefiniu o que significa envelhecer com elegância.

Do Objeto à Experiência: A Nova Moeda do Luxo
Analistas de mercado de referência, como a Bain & Company, têm vindo a documentar uma mudança de paradigma reveladora. Enquanto o consumo de bens materiais tradicionais — como o

vestuário de passerelle ou os acessórios de uso pessoal em massa — tem registado um arrefecimento, as categorias centradas em experiências encontram-se num vigoroso contraciclo.

O consumidor maduro já não procura apenas a posse do objeto; procura o usufruto e a memória. Viagens de longa duração, cruzeiros exclusivos, fine dining e estadias em hotéis de autor — por oposição à hotelaria industrial e padronizada — lideram as preferências. O objetivo supremo já não é acumular bens, mas sim colecionar momentos, adquirir conhecimento e investir no bem-estar físico e mental.

O "Luxo do Cuidado" e a Medicalização do Bem-Estar

Paralelamente ao luxo da fruição, emerge com força uma nova vertente: o luxo do cuidado. Num cenário em que a esperança média de vida atinge novos máximos, o foco migra para a qualidade desses anos adicionais.

Assistimos à ascensão da medicina preventiva da longevidade, de retiros de saúde focados em métricas epigenéticas e de residências assistidas de alta gama que operam com os padrões de exigência de um hotel de cinco estrelas. Até o setor dos transportes privados se adaptou: companhias de aviação executiva já integram nos seus voos transatlânticos programas especializados de sono, dermatologia estética a dezenas de milhares de pés de altitude

e planos nutricionais desenhados por especialistas. O luxo contemporâneo vende, em última análise, tempo de vida com qualidade.

Duas Gerações, Duas Visões
Apesar de o mercado ser impulsionado por esta senioridade economicamente dominante, ele convive com uma nova vaga de jovens criadores de riqueza — os millennials e a geração Z ligada à tecnologia e aos investimentos financeiros. Enquanto a geração mais jovem valoriza o acesso flexível e a partilha (como demonstram os modelos de subscrição para automóveis de alta gama) e não esconde o consumo nas redes sociais, a faixa mais madura privilegia a propriedade sólida, a discri-

ção e a privacidade. Contudo, ambos os públicos convergem num ponto essencial: a busca por um significado profundo.

A Emoção como O Anti-Envelhecimento Supremo
Em última análise, o cruzamento entre o luxo e a maturidade demonstra que a elegância evoluiu. O setor deixou de vender apenas status para vender emoção. E, como os especialistas da área frequentemente sublinham, o segredo mais bem guardado de uma longevidade bem-sucedida é a capacidade de continuar a maravilhar-se. Afinal, num mundo em constante mutação, a busca pela felicidade, saúde e longevidade continuam a ser o melhor tónico contra o tempo.



José Maria Ramada

50 Anos de Autonomia: duas visões, duas Madeiras

No ano em que se comemoram 50 anos da Assembleia Legislativa da Madeira e da autonomia regional, é inevitável olhar para o passado e comparar diferentes formas de governar e diferentes visões para o futuro da Região mas sempre da mesma ideologia política.

Entre as figuras que marcaram a história política recente da Madeira, dois nomes assumem particular relevância: o Dr. Alberto João Jardim e o Dr. Miguel Albuquerque. Não se trata de fazer uma comparação simplista, nem de ignorar os méritos ou os erros de cada um. Trata-se, sobretudo, de reflectir sobre duas épocas e sobre duas formas distintas de entender o desenvolvimento da Madeira. Alberto João Jardim governou durante cerca de três décadas. Foi uma figura polémica, muitas vezes controversa, mas também um político que colocou a defesa da Madeira e dos madeirenses no centro do seu discurso e da sua ação política. Sob a sua liderança, a Madeira conheceu uma profunda transformação. Foram construídas estradas, escolas, centros de saúde, infra-estruturas e habitação social. A Região passou de uma realidade marcada pelo isolamento e pelo atraso a uma Madeira moderna e dotada de infra-estruturas que, em muitos aspectos, alteraram profundamente a vida da população.

Naturalmente, esse período não esteve isento de críticas. Ao longo dos anos, surgiram casos envolvendo pessoas próximas do poder e acusações relacionadas com corrupção e favorecimentos. Contudo, é importante distinguir responsabilidades individuais de responsabilidades políticas e jurídicas. O próprio Alberto João Jardim nunca foi acusado ou indiciado fosse do que fosse ou de enriquecimento pessoal. Miguel Albuquerque representa uma outra fase da autonomia. Também defende a Madeira e os interesses da



Região, mas a sua governação desenvolve-se num contexto diferente, marcado por uma forte aposta no turismo, no investimento externo e na internacionalização da economia madeirense. A questão que muitos madeirenses colocam é saber se esse modelo de desenvolvimento está, de facto, a beneficiar a maioria da população. A Madeira cresce. Constroem-se hotéis, condomínios, empreendimentos de luxo e novos projectos imobiliários, autoriza-se desenfreadamente o AL, em detrimento da habitação para madeirenses, licenciam-se desenfreadamente Rent a Cars e operadores turísticos, duplicando quase o parque automóvel, que vem criar imensos constrangimentos nas estradas madeirenses e aumentando significativamente a sinistralidade. O turismo bate sucessivos recordes e a Região tornou-se um destino internacionalmente reconhecido, para o melhor e para o pior com a destruição constante da nossa beleza natural, sendo que os abusos são mais que conhecidos, mas tudo se tolera em prol dum turismo, muitas vezes deficiente de respeito pela madeira.

Mas, perante este crescimento, surge uma pergunta inevitável:

Quem beneficia verdadeiramente deste desenvolvimento?

Para muitos madeirenses, a resposta não é evidente. O preço da habitação tornou-se incomportável para uma grande parte das famí-

lias. Muitos jovens, mesmo com formação superior, não conseguem comprar casa e encontram enormes dificuldades em pagar uma renda. Outros são obrigados a sair da Madeira em busca de melhores oportunidades profissionais e de condições de vida mais acessíveis, diga-se que o arrendamento e a aquisição de casa é mais acessível em qualquer país da Europa do que na Madeira.

É uma das grandes contradições da Madeira actual. Formamos jovens qualificados, investimos na sua educação e, depois, vemos muitos deles partir. A Madeira exporta talento, competência e mão-de-obra qualificada, enquanto procura trabalhadores no exterior para responder às necessidades de uma economia cada vez mais dependente do turismo e da construção, sem qualificação. A imigração, por si só, não deve ser vista como um problema. Uma sociedade moderna precisa de imigração e de integração. Mas também é legítimo questionar se o crescimento económico está a ser acompanhado por políticas eficazes de habitação, integração, segurança e protecção dos direitos de todos os que vivem na Região. O problema não está na origem de quem chega. O problema está num modelo económico que pode acabar por beneficiar sobretudo quem possui capital, enquanto aqueles que vivem e trabalham na Madeira há gerações enfrentam dificuldades crescentes para permanecer na sua própria terra.

A Madeira corre, assim, o risco de se transformar num território onde é mais fácil investir do que viver. É possível construir condomínios de luxo, mas não garantir uma casa acessível a um jovem madeirense. É possível aumentar o número de turistas, mas não garantir salários suficientemente dignos para que os trabalhadores possam acompanhar o custo de vida. É possível criar riqueza, mas essa riqueza nem sempre chega de forma justa à população. Durante o período de Alberto João Jardim, o desenvolvimento regional era apresentado, acima de tudo, como um instrumento de transformação social e de melhoria das condições de vida dos madeirenses. Hoje, existe a percepção crescente de que uma parte significativa do desenvolvimento está cada vez mais ligada aos interesses de grandes grupos económicos, do sector imobiliário e do turismo. Não se trata de negar a importância do turismo. A Madeira precisa do turismo e dele depende uma parte significativa da sua economia. Mas uma Região não pode viver apenas para quem a visita ou para quem nela investe. Tem de viver também para quem aqui nasceu. Para quem trabalha. Para quem paga impostos. Para quem criou os filhos nesta terra. Para quem, apesar das dificuldades, continua a querer permanecer na Madeira. É também neste contexto que devem ser analisadas as questões políticas e judiciais

que têm marcado os últimos tempos. As suspeitas, os processos e as investigações envolvendo figuras políticas e interesses económicos contribuem para aumentar a desconfiança dos cidadãos. Mesmo quando a justiça ainda não proferiu decisões definitivas, a percepção pública não pode ser ignorada. Uma democracia saudável exige transparência, responsabilidade e confiança. E quando os cidadãos sentem que existem grupos privilegiados, relações pouco claras ou interesses económicos demasiado próximos do poder político, essa confiança começa inevitavelmente a desaparecer. Mas talvez exista uma razão para muitos madeirenses permanecerem silenciosos. A Madeira é uma terra pequena. Muitas pessoas dependem directa ou indirectamente do Governo Regional, das autarquias e das estruturas que gravitam em torno do poder. Num território onde quase todos se conhecem, criticar quem governa pode ter consequências. E assim, muitas pessoas calam a sua revolta. Calam-na quando não conseguem comprar uma casa. Calam-na quando vêem os filhos partir. Calam-na quando esperam demasiado tempo por cuidados de saúde. Calam-na quando sentem insegurança. Calam-na quando percebem que trabalhar na Madeira nem sempre é suficiente para viver com dignidade. Comemoram-se 50 anos de

autonomia. É uma data histórica. É uma conquista que deve ser valorizada. Mas também deve ser uma oportunidade para reflectir sobre o verdadeiro significado da autonomia. A autonomia não pode ser apenas a capacidade de legislar ou de administrar uma Região. Deve ser, acima de tudo, a capacidade de garantir aos seus cidadãos uma vida digna. Uma Madeira autónoma deve ser uma Madeira onde um jovem madeirense possa ter acesso a uma habitação. Onde uma família possa viver sem ser esmagada pelo custo de vida. Onde a saúde e a educação funcionem com qualidade. Onde a justiça seja acessível. Onde o desenvolvimento económico não signifique a expulsão gradual dos seus próprios habitantes. A Madeira não pode transformar-se apenas num produto turístico ou num espaço de investimento imobiliário. É uma terra com identidade, cultura, história e memória. É feita de homens e mulheres que, ao longo de gerações, trabalharam, lutaram e sacrificaram-se para a construir. Por isso, ao comemorarmos 50 anos de autonomia, talvez seja tempo de fazer uma pergunta incómoda, mas necessária: A Madeira que estamos a construir, continua a ser uma Madeira para os madeirenses? A resposta a esta pergunta determinará, em grande medida, o verdadeiro significado dos próximos 50 anos de autonomia.



Alfredo Gonçalves

As Democracias Não Morrem de Repente. Desgastam-se.

A ameaça às democracias não vem apenas de fora. Crescem também sempre que a confiança pública é sacrificada.

Esta semana política portuguesa será marcada por uma coincidência apenas aparente. No dia 8 de setembro, o Parlamento votará a moção de censura apresentada pelo Chega ao Governo. Em simultâneo, a Europa continua confrontada com uma realidade cada vez menos abstrata: a guerra híbrida promovida pela Rússia contra as democracias europeias. Embora à primeira vista se trate de assuntos distintos, acredito que ambos merecem ser analisados à luz de uma mesma preocupação: a capacidade das democracias resistirem à erosão da confiança pública. Esta não é uma análise partidária nem uma defesa de qualquer força política. É, antes de mais, uma reflexão que consi-

dero urgente.

O conceito de guerra híbrida é, muitas vezes, reduzido a ciberataques, espionagem ou campanhas de desinformação. Contudo, o seu verdadeiro alcance vai muito além disso. O objetivo central passa por explorar fragilidades internas, ampliar divisões existentes e enfraquecer a confiança dos cidadãos nas instituições democráticas. É precisamente neste contexto que a política nacional deve ser observada. A moção de censura do Chega surge num momento de visível desgaste governativo e de crescente contestação pública. Num regime democrático, é absolutamente legítimo que a oposição utilize os mecanismos parlamentares ao seu dispor para escrutinar a ação do Governo. Aliás, essa é uma das funções essenciais de qualquer democracia saudável. No entanto, importa distinguir entre oposição democrática e

deslegitimação permanente das instituições. A primeira fortalece o regime democrático. A segunda corrói-o. E esta é uma distinção que nem sempre parece estar presente no discurso político contemporâneo. A minha preocupação não reside na existência de partidos de protesto ou de contestação. A democracia vive do pluralismo, da divergência e da confrontação de ideias. A preocupação surge quando a competição política se transforma numa sucessão contínua de acusações, suspeições e narrativas que levam os cidadãos a concluir que nenhuma instituição merece confiança e que todo o sistema está inevitavelmente condenado ao fracasso. É precisamente nesse terreno que prosperam as estratégias de guerra híbrida. Não porque consigam convencer os cidadãos de que regimes autoritários são preferíveis às democracias. Mas porque conseguem instalar

a dúvida permanente, a descrença e a ideia de que a verdade deixou de existir, sendo apenas uma questão de perspectiva ou conveniência. Portugal não está isolado desta realidade. A polarização crescente, a radicalização do debate público e a influência das redes sociais criaram um ambiente onde a emoção supera frequentemente a razão e onde a velocidade das reações ultrapassa muitas vezes a profundidade da reflexão. Este é um desafio que exige maior responsabilidade de todos os atores políticos, independentemente da sua posição ideológica. A votação da moção de censura terá certamente importância política. Mas o verdadeiro teste não será a sobrevivência ou queda do Governo. O verdadeiro teste será verificar se os protagonistas políticos conseguem elevar o debate público acima das lógicas de curto prazo, contribuindo para fortalecer a confiança

dos cidadãos nas instituições democráticas. Por isso considero que esta é uma reflexão urgente. Os responsáveis políticos têm o dever de fiscalizar, denunciar erros e defender alternativas. Mas têm também a responsabilidade de proteger a credibilidade das instituições que sustentam a democracia. Criticar não pode significar, destruir. Opor-se não pode significar, deslegitimar. A democracia depende do conflito político, mas depende igualmente de um compromisso mínimo entre adversários: o reconhecimento mútuo da legitimidade democrática de cada um. Quando esse princípio desaparece, a democracia entra numa zona de fragilidade perigosa. A ligação entre a guerra híbrida da Rússia e a atual tensão política portuguesa talvez esteja precisamente aqui. Em ambos os casos, a questão fundamental é a resiliência democrática. Uma democracia madura deve con-

seguir enfrentar ameaças externas sem sucumbir às suas divisões internas. Deve ser capaz de distinguir oposição de sabotagem, crítica de desinformação e combate político de destruição institucional. Na minha opinião, esta é uma reflexão que o país precisa de fazer com urgência. Não apenas os analistas políticos, mas também os partidos, os comentadores, os meios de comunicação social e os próprios cidadãos. Porque as democracias raramente são derrotadas por inimigos externos. Normalmente começam a enfraquecer quando os seus protagonistas deixam de acreditar nelas ou quando contribuem, conscientes ou inconscientemente, para a degradação da confiança que as sustenta. E essa é uma responsabilidade que pertence a todos. Não apenas aos que governam, mas também aos que aspiram legitimamente a governar amanhã.



Roberto Merino

A Bola é redonda, e não é da FIFA!

Imaginemos um cidadão ateniense na época de Péricles - séc. V a.C., passeando aborrecidamente pela cidade sem nada que fazer! Toda a cidade, ou parte dela, está nos teatros, a ver Teatro, mas o nosso cidadão não gosta de Teatro. Não gosta de máscaras, de coturnos, nem de túnicas compridas, e até agora ninguém lhe explicou, porque as mulheres não podem representar? É provável que em algum momento, o meu cidadão sentisse curiosidade e se aproximasse para ver um espetáculo, mas não conseguiu fazê-lo, a lotação estava esgotada! Como o meu cidadão imaginário, muitos espectadores

em tempos recentes de futebol planetário se sentiram aborrecidos de olhar para os ecrãs, para os jornais e revistas e ver tudo, mesmo tudo, inundado de uma praga chamada, futebol! Confesso não ser apreciador da bola, mas não odeio. Nos meus 51 anos em Portugal, fui apenas 4 vezes aos estádios, uma vez aos Barreiros/Madeira, uma vez às Antas, outra ao Dragão e uma única ao extinto Boavista! Tenho um irmão, Rafael, o mais velho que adora futebol e parte da minha família também, lamento que essa aptidão não me tenha passado. Mas repito, respeito os adeptos e a vocação de ver e de assistir a

este, chamando desporto REI. No entanto confesso também, ter visto sempre as finais do Mundial, tanto quanto me lembro; Chile, Inglaterra, México, Espanha e esta última nos USA. Dificilmente se pode gostar de um desporto quando ele está minado, contaminado, por interesses económicos obscuros que deturpam os valores iniciais e fundamentais. Este foi o mundial da infâmia, e do Infantino, para já não falar das negociações dos intervalos para vender publicidade e a do cartão vermelho anulado ao jogador americano! No entanto foi também o mundial da seleção de Cabo

Verde, que numa exemplar demonstração, recolocou o verdadeiro espírito futebolístico em cena, países pobres, países esquecidos com esperanças de conquistar um lugar no podium internacional. Assisti televisivamente à final, Espanha - Argentina, era difícil, para mim, optar sentimentalmente por uma das equipas, mas sabia de antemão que um triunfo da albiceleste/argentina seria explorado politicamente por um governo de direita, vendido ao trumpismo, e claro, optei pela Espanha! A decisão final, desportivamente, foi dos melhores, a seleção espanhola foi melhor, e venceu! Do último fado ao último tango em New Jersey, entre as lágrimas de Ronaldo e as de Messi, protagonistas justos e merecedores de todo o meu respeito, nascerá uma

nova geração em Portugal e Argentina, que continuará a lutar por serem campeãs! Antes de despedir-me, gostava de deixar aqui duas referências a escritores que gostavam de futebol, entre eles Albert Camus e Pier Paolo Pasolini; -A frase atribuída a Camus — “Tudo o que sei com mais certeza sobre moral e obrigações humanas, devo ao futebol” — foi repetida tantas vezes que virou clichê motivacional. Mas vale levá-la a sério. O que exatamente o futebol ensina que a filosofia académica, segundo Camus, não ensinava? A resposta à esta questão, e a outras pode ser seguida no artigo que cito: A filosofia por trás do futebol: Camus, existencialismo e o jogo - TÊTE-À-TÊTE Também o cineasta, romanista e dramaturgo Pier Paolo

Pasolini confessa o seu amor ao Futebol: “Sou adepto do Bolonha. Não tanto por ter nascido em Bolonha, mas porque regressa a Bolonha (depois de longas, épicas ou épico-líricas estadias no Vale do Pó) quando tinha catorze anos e comecei a jogar futebol (depois de ter desprezado tanto este jogo, eu que só gostava de brincar à guerra)”. O futebol tornou-se, assim, a maior paixão de Pasolini. “Mantive-me no idealismo do liceu, quando jogar com uma bola era a coisa mais bonita do mundo”. Pier Paolo Pasolini: El fútbol es un lenguaje en prosa y en poesía - Enpoli Daqui a quatro anos há mais; Portugal-Espanha-Marrocos, o nosso Presidente da República, fará sem dúvida, melhor figura que o Trump, que queria ficar a ferro e fogo na fotografia final! Triste Figura!



Edite Pereira

Ser boa pessoa nunca sai de moda

Vivemos numa sociedade onde, por vezes, parece que ser boa pessoa passou a ser sinónimo de ingenuidade. Como se a honestidade fosse uma fraqueza. Como se a empatia fosse incompatível com a ambição. Como se, para vencer na vida, fosse necessário passar por cima de alguém. Confesso que nunca consegui pensar assim. Ao longo da minha vida conheci pessoas extraordinárias. Pessoas competentes, brilhantes, líderes inspiradores. Mas aquilo que verdadeiramente me marcou nunca foi o cargo que ocupavam, a dimensão das empresas que construíram ou o património que acumularam. Foi a forma como tratavam as pessoas. A forma como cumpriam a palavra. A forma como respeitavam

quem nada lhes podia oferecer em troca. Porque acredito que é precisamente aí que o carácter se revela. Também conheci o outro lado. Pessoas que sorriam à nossa frente e falavam de forma diferente quando saíamos da sala. Pessoas que confundiam sucesso com poder. Pessoas que acreditavam que crescer justificava pisar quem estava ao lado. E, como qualquer pessoa, também eu já fui desiludida. Já confiei em quem não devia. Já estendi a mão a quem mais tarde me virou as costas. Já senti a injustiça de ver a lealdade não ser correspondida. Nesses momentos é inevitável perguntarmo-nos se vale a pena continuar a confiar, continuar a ajudar e continuar a acreditar nas pessoas. Durante algum tempo tam-

bém procurei essa resposta. Hoje sei qual é. Sim, vale sempre a pena. Não porque os outros mereçam sempre o melhor de nós, mas porque não quero que a falta de carácter de alguém transforme aquilo que sou. Recuso-me a permitir que as escolhas dos outros ditem os meus valores. Não quero endurecer o coração só porque um dia alguém me desiludiu. Ser boa pessoa não significa dizer sempre que sim. Não significa aceitar tudo. Não significa permitir que nos falem ao respeito. Ser boa pessoa é saber colocar limites sem perder a educação. É defender aquilo em que acreditamos sem humilhar quem pensa diferente. É agir com respeito, mesmo quando o outro não o faz. É conseguir deitar a cabeça na

almofada e dormir de consciência tranquila. Ao longo da minha vida profissional aprendi uma lição que nunca mais esqueci. Os clientes podem esquecer um orçamento. Os colaboradores podem esquecer uma reunião. Os parceiros podem esquecer uma proposta. Mas ninguém esquece a forma como o fizemos sentir. E talvez essa seja a verdadeira medida do sucesso. Vivemos obcecados com resultados. Queremos ser os melhores profissionais. Ter a melhor empresa. A melhor casa. O melhor carro. E não há absolutamente nada de errado em sermos ambiciosos. A ambição, quando acompanhada de trabalho, disciplina e humildade, faz-nos crescer.

O problema começa quando, para alcançar esses objetivos, deixamos pelo caminho aquilo que realmente importa. A nossa humanidade. Tenho três filhas. Mais do que desejar que sejam excelentes profissionais, espero conseguir transmitir-lhes algo muito mais importante. Que nunca deixem de ser boas pessoas. Que tratem todos com respeito, independentemente do cargo, da profissão ou da condição social. Que saibam pedir desculpa quando erram. Que saibam agradecer. Que saibam reconhecer o mérito dos outros. E que nunca precisem de diminuir alguém para se sentirem maiores. Porque acredito que o verdadeiro sucesso não está naquilo que acumulamos. Está na marca que deixamos nas pessoas. Há uma pergunta que faço muitas vezes a mim própria. Quando um dia já cá não estiver, como gostava que as pessoas se lembrassem de mim? Pela empresa que construí? Pelas palestras que dei? Pelos cargos que ocupei?

Pelos resultados que alcancei? Claro que tudo isso faz parte da minha história e sinto orgulho no caminho que percorri. Mas, acima de tudo, gostava que dissessem apenas isto: “Era uma boa pessoa.” Porque acredito, sinceramente, que esse será sempre o maior elogio que alguém nos pode fazer. No fim da vida, ninguém será verdadeiramente lembrado pelo saldo da sua conta bancária, pelo carro que conduzia ou pela dimensão da sua empresa. Será lembrado pela honestidade. Pela generosidade. Pela palavra. Pela forma como fez os outros sentir. Porque o verdadeiro sucesso não se mede pelo património que acumulamos. Mede-se pelas vidas que tocamos. E, no final de tudo, o maior legado que podemos deixar nunca será aquilo que tivemos. Será sempre aquilo que fomos. Num mundo onde tantos procuram ser os melhores, eu continuo a acreditar que o maior desafio é muito mais simples: nunca deixarmos de ser boas pessoas.



António Massa Constâncio

FREIXO DE ESPADA-À-CINTA (AGOSTO-1953)

Quando a cidade de Macau fascinava os nossos jovens

Quando naquela manhã distante de Verão, num tempo que se crê ter sido o cáldio Agosto de 1953, um grupo de adolescentes freixenistas, constituído por Adriano Augusto Rocha (deixou-nos há cerca de dois anos, em S. Paulo onde residia), Filinto Augusto Sendim (foram ambos para o Brasil), José Emílio Constâncio, Manuel Augusto Jorge e Manuel Augusto Rocha (também já falecido) partiu com destino ao Extremo Oriente (Macau), na condição de futuros seminaristas, essa longa viagem transoceânica terá durado cerca de um mês. Na hora das despedidas, por entre enorme tristeza e apertos de coração, aquele momento emotivo constituiu, por certo, a reedição de cenários idênticos de décadas anteriores, com outros protagonistas, e que, tal como outrora, provocou um forte abalo emocional

nesta pequena comunidade do Nordeste Transmontano, no universo do Parque Natural do Douro Internacional, que nesse tempo remoto estaria ainda na fase embrionária.

Para a vila “freixenista” Macau era um destino de “eleição”

Numa manhã em que já o Sol prenunciava um dia de calma, eu estava lá e confesso que não fiquei imune ao ambiente de extrema comoção colectiva que atingia, no íntimo, inúmeras famílias da nossa vila. Na Rua da Fonte Seca, local de onde haveria de partir o veículo ocasional para transportar o grupo para a estação ferroviária de Freixo, hoje uma infraestrutura votada ao abandono pelas autoridades do sector, a escassos 15 Km da vila. Contudo, à última hora, a entidade organizadora achou por bem que a

viagem até Lisboa se efectuasse por via rodoviária. Porém, durante o percurso, numa breve paragem em Coimbra, devido a brincadeiras de adolescentes, o José Emílio, com um braço fraturado, e o Adriano Rocha, devido a um furúnculo arreliaador, acabaram retidos em Lisboa durante mais de dois meses, apenas retomando a viagem integrados num grupo de jovens açorianos com destino idêntico. © Ainda assim, esta não foi a única expedição de jovens de Freixo com destino ao Seminário de Macau, nos meados do século anterior, ainda que o grupo tenha sido fracionado. Sensivelmente dois anos após (Agosto de 1955), um novo grupo rumava também à comunidade macaense com objectivos específicos e aparentemente vocacionais, dele fazendo parte os seguintes conterrâneos: Artur Augusto Marelo, Manuel

Augusto Saldanha, Carlos Gil de Sá Machado, Francisco António Pintado, José Augusto Louças, Nicolau Manso (Poiares), Eduardo Augusto Tavares e Augusto Manuel Sendim, merecendo destaque os dois últimos, pelo facto de terem sido os únicos a alcançar a ordenação. Porém, enquanto o padre Eduardo Tavares, passados alguns anos, renunciava ao sacerdócio, embora setenha mantido ligado à comunidade macaense pela via do ensino, um grave acidente de viação ocorrido em Malaca (uma das cidades mais prósperas do Reino da Malásia), vitimava precocemente o Padre Augusto Sendim, cujos restos mortais repousam hoje em jazigo de família, na vila transmontana onde ambos nascemos - Freixo de Espada à Cinta. O intuito desta resenha, para além de fazer reviver uma con-

tecimento histórico a que eu assisti presencialmente, visava também pôr em evidência o sentir das gentes da minha terra perante a partida dos seus “filhos”, num cenário de grande sensibilidade emocional, tal como referi na publicação citada no fim do texto identificado no fecho. “...Num cenário de abraços infindáveis que alvoroçaram emocionalmente aquela zona do pacato burgo freixenista, perante soluços, lágrimas incontidas e veementes recomendações (algumas mães ficaram inconsoláveis!), estava eu longe de imaginar que, do êxito ou do insucesso confiado ao grupo que acabava de partir pudesse, alguns anos mais tarde, depender a minha convocação, ou não, para uma missão que eu próprio, ao tempo plenamente integrado na esfera eclesial da vila, já havia interiorizado como certa.

Afinal, só anos mais tarde acabei por concluir que estaria excessivamente confiante, uma vez que, por via da inadaptação de alguns conterrâneos à vida do seminário e do seu regresso abrupto à terra de origem, tudo isso terão sido factores determinantes para que os responsáveis macaenses de então comessem a colocar reservas na manutenção do sistema de recrutamento em vigor dos novos seminaristas”. Ao primeiro impacto, confesso que fiquei desapontado e até triste, logo a seguir, a realidade tomou conta do meu subconsciente, talvez porque a hipotética certeza que eu já havia idealizado, por certo não me estaria destinada. –

Obs: Texto escrito segundo a ortografia antiga! in - “Uma vida pelo Desporto – Cap.1 – 10 de Julho de 2015

CANDIDATURAS ATÉ 2 DE OUTUBRO

13ª Edição do Concurso de Vinhos do Crédito Agrícola já está em marcha

Estão oficialmente abertas as inscrições para a 13ª edição do Concurso de Vinhos do Crédito Agrícola. Organizado em parceria com a Associação dos Escanções de Portugal e reconhecido pelo Instituto da Vinha e do Vinho desde a sua criação, este concurso dirige-se a Produtores e Cooperativas de todas as regiões vitivinícolas nacionais que sejam Associados ou Clientes do Banco. As candidaturas podem ser submetidas até 2 de outubro.

Ao longo das suas edições, o Concurso consolidou-se como uma referência no setor, distinguindo vinhos de excelência através das medalhas Tambuladeira dos Escanções de Portugal de Ouro, Prata e Bronze nas categorias “Vinho Branco”, “Vinho Tinto” e “Vinho Espumante”. A cada edição é ainda atribuída a Grande Medalha

de Ouro ao melhor vinho branco, tinto e espumante, assim como a distinção Vinhos de Produção Sustentável, reservada a produtores certificados com práticas de sustentabilidade reconhecidas a nível nacional ou internacional.

O júri, constituído por escanções de renome, enólogos, enófilos e jornalistas especializados, irá reunir em Lisboa no próximo dia 17 de outubro para realizar as Provas Cegas dos vinhos em competição. Com aproximadamente 800 vinhos premiados desde a primeira edição, o Concurso de Vinhos do Crédito Agrícola tem como missão valorizar a produção vitivinícola portuguesa, abrir portas a novas oportunidades de negócio e contribuir para o fortalecimento do setor e das economias locais, com especial foco nos Produtores e Cooperativas. **JV**

CONCURSO DE VINHOS

CRÉDITO AGRÍCOLA

13ª Edição

Onde os melhores vinhos são reconhecidos

Inscrições até dia 02/10/2026, às 18h00.

Não dispensa a consulta do Regulamento da 13.ª Edição do Concurso de Vinhos do CA. Em parceria com a Associação dos Escanções de Portugal. Concurso reconhecido pelo Instituto da Vinha e do Vinho (IVV. IP).

Inscrições e regulamento: www.concursodevinhosca.pt

Caixa Central - Caixa Central de Crédito Agrícola Mútuo, C.R.L. registada junto do BdP sob o n.º 9000

Crédito Agrícola

Esta página é dos poetas! Enviem os vossos poemas para: geral@audiencia.pt

CELEBRANDO O NOSSO PASSEIO SÉNIOR

Convívio da Amizade

O Passeio Sénior é um dia especial Onde partilhar memórias é fundamental Num ambiente de convívio, e harmonia. Recordar momentos e histórias do passado Reencontrar antigos, mas nunca apagados Em recordações partilhadas com alegria.

É um dia, bonito, onde todos são bem acolhidos Ninguém sente a solidão nem são esquecidos Passeiam convívem com toda a tranquilidade. Divertir, dançar, conviver é a razão para desfrutar Um passeio que mais tarde ficará para recordar Um Encontro que fortaleceu laços, de boa amizade.

Ana Santos Vilar de Andorinho

Se eu fosse

Se eu fosse um mês, seria Setembro
O mês que me viu nascer
Quando as raízes são fortes para aguentar o Inverno

Se eu fosse um dia, seria Sexta-feira
O dia que minha mãe por mim começou a sofrer
O dia em que criei raízes neste planeta terra

Se eu fosse uma hora no dia, seria as três da manhã
A hora em que comecei a viver
A hora que a semente criou raiz

Se eu fosse um astro, seria a Lua
Que tanto gosto de admirar
Onde as raízes dos poetas se vão inspirar

Se eu fosse uma direcção, seria o Norte
O rumo certo para amar
Para onde as raízes se dirigem em busca de humidade

Se eu fosse um adorno, seria um quadro da parede
Pois a vida é pintada de mil cores
Como as raízes que se prendem ao solo

Se eu fosse um líquido, seria a água límpida e corrente de um rio
Recordando os meus tempos de criança
Em que raízes mais fracas me suportavam

Se eu fosse uma pedra preciosa, seria um diamante
Mais belo e brilhante como tantas e tantas lembranças
Como raízes que me suportam

Se eu fosse uma árvore, seria um pinheiro
A árvore que nos recorda o Natal
Com raízes à superfície, para verem a beleza da terra

Se eu fosse uma flor, seria uma rosa
A mais bela e perfumada das flores
Mas tal como a vida tem espinhos, que devemos saber ultrapassar
Raízes suaves como o perfume das suas flores

Se eu fosse um clima, seria ameno,
Como o dia-a-dia que a todos quero desejar
Se eu fosse um instrumento, seria uma guitarra
Para belos sons poder pelo mundo emanar
Se eu fosse um elemento da natureza, seria o ar
Límpido e puro sem cheiro nem cor
Se eu fosse um animal, seria uma pomba branca
Símbolo da paz e do amor
Se eu fosse um som, seria o som suave da brisa do Norte
Que me acaricia as faces nas noites de sofrimento
Se eu fosse um sentimento, seria a amizade
Se eu fosse um lugar, seria a praia
Se eu fosse raiz!
Seria tudo e nada, seria apenas, uma raiz.

José Maria Ramada
Madeira

Palavras Cruzadas

Por: Emecê 119

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11
1											
2											
3											
4											
5											
6											
7											
8											
9											
10											
11											

Horizontais:

1-Humanitarismo;2-Colega; Relembra;2-País papal;Atmosfera;4-Saraiva demitido no 25 Novembro;Segurar;5-Rio europeu, afluente do Mosa; Tempero; Grito de dor(pl.);6-Épocas; Desejar;7-Pedacinho de vela; Ligação;8-Vazio; Essa coisa;9-República Portuguesa; Fica fora da igreja; Pedra de altar;10- Tem palavras cruzadas;11-Chegarão; Duplo.

Verticais:

1-Beneficiar; 2- Precoce; Progenitor; 3- Erudito; Pátria de Abraão; 4-Rápido; Soqueada; 5-São típicos na culinária espanhola; Raiva; 6- Ligue; A segunda da escala;7- Os gatos estão muito sujeitos a esta crise; A maior organização de clubes do Mundo de prestações de serviços comunitários; 8-Os rotos são um bom petisco; A eles; Cobalto(s.q.); 9-Banha Roma; Andavam; Partes;10-Subiria; Reza;11-Rio suíço; Senhora (abrev.).

HORIZONTALS:1-Agil;Socada; 2-Imaturo; 3-Pai;3-Literato; 4-Ur; 5-Nacos; 6-Atre; 7-Renal; 8-Lions; 9-Ovos; 10-Aos; 11-Virão; 12-Sócia.

VERTICAIS:1-Favorecer; 2-Imaturo; 3-Pai;3-Literato; 4-Ur; 5-Nacos; 6-Atre; 7-Renal; 8-Lions; 9-Ovos; 10-Aos; 11-Virão; 12-Sócia.

Estatuto Editorial

O AUDIÊNCIA GP GRANDE PORTO é um jornal generalista e regional preocupado com toda a atividade desenvolvida, nos concelhos do Grande Porto e, pelos cidadãos que nascidos nesta área territorial, se encontrem espalhados pelo mundo.

Prometendo defender, intransigentemente, o seu caráter independente está aberto à colaboração de todos os cidadãos. Para aqui podem endereçar todos os contributos que permitam uma ampla divulgação das localidades e permitam uma intrínseca troca de conhecimentos que contribua para o desenvolvimento cultural e social de todos os concelhos.

O AUDIÊNCIA GRANDE PORTO compromete-se a assegurar o respeito pelos princípios deontológicos e pela ética profissional dos jornalistas, assim como pela boa fé dos leitores.



O DESAFIO DOS ENIGMAS

É hoje conhecida a solução de autor do problema 8

A edição de hoje traz a solução de autor do problema 8 do torneio “Solução à Vista!”, a notícia do regresso do torneio de fórmula 1 policiária e uma das novidades para o próximo ano.

Torneio de Decifração “Solução à Vista!” – 2026
Problema nº 8

Viagem pelo Policiário, de Inspetor Moscardo
Solução de Autor

1 - <https://policiariodebolso.blogspot.com/search?q=A.A%2C+Fair>

“Como A. A. Fair escreve na série Donald Lam e Bertha Cool, com 29 títulos editados entre 1939 e 1970”, “O Caso da Jovem Arisca” tem por protagonista é Perry Mason e o autor é E. Stanley Gardner.

2 - <https://mubi.com/pt/pt/films/alfred-hitchcock-presents-lamb-to-the-slaughter>

Link para o filme Borrego para a Matança, de Alfred Hitchcock.

3 - https://pt.wikipedia.org/wiki/Rep%C3%B3rter_X
Reinaldo Ferreira, Repórter X

“Já empregado no ABC, o jornal envia-o à Rússia, em 1925, para acompanhar a luta intestina desencadeada após a morte de Lenine. De Paris, onde terá experimentado pela primeira vez a morfina, Reinaldo informa que lhe está a ser difícil conseguir um visto, mas vai mandando trabalho, designadamente uma entrevista forjada a Conan Doyle. E, finalmente, começam a chegar as crónicas de Moscovo, onde o jornalista passa a vida a tropeçar em portugueses, desde o porteiro do Kremlin ao homem que embalsamou Lenine. A convicção de Joel Lima é a de que o nosso repórter nunca pôs os pés na Rússia e que se limitou a ficar em Paris, aguardando os artigos de Henri Béraud, que para lá fora destacado pelo Le Journal.

4 - https://pt.wikipedia.org/wiki/Agatha_Christie
Começou a escrever The Mysterious Affair at Styles em 1916, e o livro foi publicado em 1920 pela editora Bodley Head vendendo cerca de 2 000 cópias, após ser rejeitado por 6 editoras. É o seu primeiro livro The Mysterious Affair at Styles.

5 – O outro autor que se inspirou em Sintra é Mário Domingues, com “O Crime de Sintra”.

OBSERVAÇÃO do orientador: a quinta questão permite várias respostas, pelo que serão consideradas como certas todas as que tiverem o devido enquadramento. CRITÉRIOS DE PONTUAÇÃO/CLASSIFICAÇÃO do orientador

- respostas certas às cinco questões – 7 pontos.
- respostas certas a quatro questões – 5 pontos.
- respostas certas a três questões – 3 pontos.
- respostas certas a duas questões – 2 pontos.
- resposta certa a uma questão – 1 ponto.
- presença + 3 pontos.

Fatores de valorização para atribuição dos pontos especiais: qualidade e clareza da narrativa, originalidade na abordagem ao tema, criatividade nos meios e modos utilizados, imaginação na forma de apresentação da solução, referência a pormenores que não sejam fundamentais para a resolução do problema e enriqueçam a narrativa do ponto de vista literário ou artístico.

REGRESSO DO TORNEIO

DE FÓRMULA 1 POLICIÁRIA

O Torneio de Fórmula 1 Policiária, que decorre em paralelo com o Torneio de Homenagem à Geração de 1970 no blogue A Página dos Enigmas (apaginadosenigmas.blogspot.com), regressou hoje ao espaço virtual com o seu oitavo enigma (leia-se oitavo Grande Prémio), que tem neste momento o confrade O Gráfico na liderança, logo seguido de Inspector Aranha, Detective Jeremias, Mandrake Mágico, Veni Vidi Vici, Columbo, Os Super Heróis do Policiário, Detective Verdinha, Búfalos Associados e O Pegadas, à frente de um “pelotão” de 34 concorrentes que até agora lograram pontuar. Por outro lado, no Torneio de Homenagem à Geração de 1970, é o confrade Inspector Aranha que detém a liderança da classificação geral, logo seguido de Detective Jeremias, Veni Vidi Vici, Inspector Moscardo, O Gráfico, Inspector Pevides, Mandrake Mágico, Detective Verdinha, Columbo e Bernie Leceiro, à frente de um pelotão composto por 67 concorrentes. No que respeita à classificação das Melhores Soluções, ocupam o pódio os confrades O Gráfico, Inspector Aranha e Detective Jeremias, por esta ordem. Na classificação da Soluções Mais Originais, os ocupantes dos lugares do pódio são exatamente os mesmos confrades, mas por esta ordem; O Gráfico detém a liderança, seguido por Detective Jeremias e por Inspector Aranha.

CONCURSO DE CONTOS “UM CASO POLICIAL... NAS FÉRIAS”

Recordamos que já podem ser enviados para o correio eletrónico do orientador da secção (salvadorsantos949@gmail.com) os originais concorrentes a “Um Caso Policial... nas Férias”, um certame de contos aberto a todos, sem quaisquer condicionalismos de idade, sexo ou nacionalidade, podendo cada concorrente apresentar mais do que um original. Os trabalhos, na modalidade de conto policial, em língua portuguesa, deverão ter ação durante um período de férias (em qualquer mês do ano) e terão obrigatoriamente o mínimo de duas páginas de formato A4 e o máximo de quatro, escritas a 1,5 espaços, na fonte Times New Roman e corpo de letra 12. Os originais podem ainda ser enviados em papel para o endereço postal rua Quinta do Modelo, 40 / 2820-261 Charneca de Caparica, dirigida a Salvador Santos. Os trabalhos serão publicados por ordem de receção, a partir do mês de janeiro de 2027 e a classificação dos contos será definida através da média da pontuação atribuída pelos leitores do jornal AUDIÊNCIA GP e pelos seguidores do blogue Local do Crime, que terão 30 dias para enviar a sua pontuação, numa escala de 5 a 10 pontos, em função da qualidade e originalidade, através dos endereços referidos no ponto 3. E após a publicação do último conto, em período ainda a definir pelo orientador da secção, haverá uma votação final dos contos, sendo os leitores do jornal AUDIÊNCIA GP e os seguidores do blogue Local do Crime chamados a atribuir pontuação aos cinco contos considerados como os melhores, atribuindo 10 – 8 – 6 – 4 – 2 pontos a cada um deles. Será então vencedor do concurso o conto que alcançar uma maior pontuação média da soma dos pontos obtidos nas duas votações (inicial + final), sendo distinguidos os restantes trabalhos classificados nas dez primeiras posições.

AUDIÊNCIA GP

Agora o seu AUDIÊNCIA chega a todo o Mundo!

Recorte, preencha o cupão e envie para a morada abaixo indicada



DADOS PESSOAIS

Nome _____

Morada _____

Localidade _____ Código Postal _____

Telemóvel _____ Nº Contribuinte _____

Email _____

INDIQUE ABAIXO O TIPO DE ASSINATURA QUE PRETENDE

☐ PORTUGAL - 12 meses - 60,00 €

☐ ESTRANGEIRO - 12 meses - 120,00 €

Edição Digital - 12 meses - 60,00 €

As edições em papel beneficiam da oferta da edição digital.

Pago por **TRANSFERÊNCIA BANCÁRIA** o valor acima indicado

IBAN: **PT50 0059 0014 2208 0000 0036 8**

Pago por **CHEQUE** o valor acima indicado à ordem de:

AGP COMUNICAÇÃO, LDA

AGP COMUNICAÇÃO, LDA
Rua do Mourato, 70 - A
9600-224 Ribeira Seca RG - São Miguel - Açores

FICHA TÉCNICA

PROPRIEDADE: AGP Comunicação, Lda - NIF: 514622016 | Empresa Jornalística nº 223978

ADMINISTRADOR E DIRETOR: Joaquim Ferreira Leite - SEDE: Rua de Santos Pousada, 375, Oliveira do Douro, 4430-289 Vila Nova de Gaia REDAÇÃO E EDIÇÃO: Rua do Mourato, 70 - A - 9600-224 Ribeira Seca RG - São Miguel - Açores - TIRAGEM: 20.000 exemplares - EDITORA: Joana Vasconcelos - REDAÇÃO: Tânia Durães - Jorge Lemos Peixoto - FOTOGRAFIA: Filipe Cairão Jerónimo - COLABORADORES PERMANENTES: Álvaro Bastos, Roberto Merino, Manuel Cruz, António Massa Constâncio, Manuel Vilas Boas, Salvador Santos, Cláudio Anaia, Ana Santos, Edite Pereira, Leão Rebordosa - DEPARTAMENTO COMERCIAL & ASSINATURAS: 937962972 - EMAIL: geral@audiencia.pt - Nº DE REGISTO: 126911 - Nº DE DEPOSITO LEGAL: 418245/16 -

DETENTORES DO CAPITAL SOCIAL: Madalena Filipa dos Santos Pereira Leite (50%) e Pedro Filipe dos Santos Pereira Leite (50%) IMPRESSÃO: LUSOIBÉRIA - Av. da República, n.º 6 - 1050-191 Lisboa | TELM.: 914 605 117 | e-mail: comercial@lusoiberia.eu DISTRIBUIÇÃO: VASP - Distribuidora de Publicações S.A. - MLP - Media Logistics Park - Quinta do Grajal - Venda Seca - 2739 - 511 Agualva-Cacém - Tel.: 214 337 000



PESADOS COM CIRCULAÇÃO CONDICIONADA NA VCI

Alteração ao trânsito

Veículos pesados de mercadorias ficam proibidos de circular na VCI, nos dias úteis, entre as 7h00 e as 21h00, a partir de 15 de setembro.

ENTREVISTA POR:
JORGE LEMOS PEIXOTO

A circulação de veículos pesados de mercadorias na Via de Cintura Interna (VCI) vai ficar condicionada, a partir de 15 de setembro, nos dias úteis, entre as 7h00 e as 21h00.

A medida não abrange os transportes que tenham como origem ou destino o Porto ou Gaia para operações de carga e descarga, desde que previamente autorizados. A A41, conhecida como Circular Regional Exterior do Porto (CREP), passa a ser a principal alternativa.

A nova regra abrange os veículos destinados ao transporte de mercadorias com peso bruto superior a 3.500 K (quilogramas), três ou mais eixos e altura igual ou superior a 1,1 metros, medida na vertical do primeiro eixo.

A alternativa

Na prática, estes pesados deixam de poder utilizar a VCI durante aquele período e deverão recorrer preferencialmente à A41/IC24, a Circular Regional Exterior do Porto (CREP). Esta autoestrada funciona como um anel exterior à zona urbana do Porto, permitindo desviar da VCI o tráfego que não necessita de atravessar o centro da área metropolitana.

Para incentivar essa alternativa, os veículos com três ou mais eixos e altura igual ou superior a 1,1 metros estão isentos do pagamento de portagens na CREP. A isenção funciona 24 horas por dia, todos os dias, e não exige qualquer autorização prévia.

As exceções

Há, porém, uma exceção importante para as empresas e transportadores que trabalham no Porto e em Vila Nova de Gaia.

Os veículos pesados que tenham como origem ou destino um destes dois municípios, para operações de carga ou descarga, poderão continuar a circular na VCI



mesmo entre as 7h00 e as 21h00. Para isso, terão de obter previamente uma autorização através da plataforma digital disponibilizada pelos municípios.

A autorização terá de ser pedida para cada transporte. O pedido inclui o preenchimento de um formulário e a apresentação do respetivo documento

de transporte, onde devem constar, pelo menos, os locais de carga e descarga, a data e hora do início da viagem e a matrícula do veículo.

Depois do registo, a plataforma emite um comprovativo que permite a circulação na VCI e que deverá ser apresentado às autoridades caso seja solicitado.

PSP e GNR fiscalizam

A fiscalização caberá à PSP e à GNR, que terão acesso em tempo real à plataforma para verificar se determinado veículo está autorizado a circular.

As entradas da VCI terão sinalização própria indicando a restrição aos veículos pesados e o período em que vigora: dias úteis, entre as 7h00 e as 21h00.

O incumprimento constitui uma contraordenação nos termos do Código da Estrada.

A medida pretende retirar parte do tráfego pesado da VCI e encaminhá-lo para a A41/CREP, reduzindo a pressão sobre uma das vias mais congestionadas da Área Metropolitana do Porto.

O novo regime será aplicado como projeto-piloto e ficará sujeito a monitorização, podendo posteriormente ser ajustado em função dos resultados.